

Alexandre Catarino Oliveira Martins

O Porto na rota do cinema: proposta de um roteiro cinematográfico no Porto no âmbito da coleção Património a Norte

Volume II

—MESTRADO EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

Setembro 20**20**

Alexandre Catarino Oliveira Martins

O Porto na rota do cinema: proposta de um roteiro cinematográfico no Porto no âmbito da coleção Património a Norte

Apêndices

Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

Orientação

Prof. Doutor Amândio Jorge Morais Barros

Prof.ª Doutora Carla Patrícia Silva Ribeiro

MESTRADO EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

Índice

Apêndices (I) – textos produzidos durante o período de voluntariado relativos à publicação	
<i>Património a Norte: a pintura mural no Museu Alberto de Sampaio</i>	228
1.1. Igreja de São Salvador de Bravães, Ponte da Barca	228
1.2. Convento de São Francisco, Guimarães	228
1.3. Igreja de Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro de Seco, Chaves	229
1.4. Igreja de São Salvador de Fontarcada, Póvoa de Lanhoso	229
1.5. Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Vila Real	230
1.6. Igreja de Santa Marinha de Vila Marim, Vila Real	230
1.7. Igreja de Santa Leocádia, Chaves	231
1.8. Igreja da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Guimarães	231
1.9. Igreja de São Miguel do Castelo de Guimarães	232
1.10. Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras	232
1.11. Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, Felgueiras	233
1.12. Igreja de São Dinis, Vila Real	233
1.13. Igreja de São Tiago de Folhadela, Vila Real	234
1.14. Igreja de São Paio de Midões, Barcelos	234
1.15. Museu de Alberto Sampaio, Guimarães	235
1.16. Igreja de São Martinho de Penacova, Felgueiras	235
Apêndices (II) – tabelas esquemáticas do projeto “Missão Portugal”	236
2.1. Tabela de “IPHAN – GRUPO 1” (Secção I)	236
2.2. Tabela de “IPHAN – GRUPO 1” (Secção II)	238
2.3. Tabela de “IPHAN – GRUPO 2” (Secção I)	240
2.4. Tabela de “IPHAN – GRUPO 2” (Secção II)	242
Apêndice (III) – cronograma da revista <i>Património a Norte: cinema em português</i>	244
Apêndices (IV) – índice com proposta de conteúdos enviado aos autores em novembro de 2019.	245
Apêndices (V) – textos da “versão a publicar” de “O Porto na rota cinema”	248
5.1. Introdução	248
5.2. Teatro Sá da Bandeira	248
5.3. Fábrica Confiança (Extinta)	250
5.4. Flora Portuense (Extinta)	251
5.5. Casa de Aurélio da Paz dos Reis	253
5.6. Alfândega Nova	254

5.7. Ribeira do Porto	256
5.8. Cais de Gaia	257
5.9. Fontainhas.....	258
5.10. Cinema Batalha	259
5.11. Coliseu Porto – Ageas (Cinema Passos Manuel)	261
5.12. Teatro Rivoli	263
5.13. Cinema Trindade.....	264
Apêndices (VI) – catálogo de figuras e vídeos utilizados na “versão integral” de “O Porto na rota do cinema”	266
6.1. Figuras do percurso I – <i>Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português</i>	266
6.2. Vídeos do percurso I – <i>Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português</i>	271
6.3. Fotogramas do percurso I – <i>Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português</i>	272
6.4. Figuras do percurso II – <i>O Douro de Manoel de Oliveira</i>	272
6.5. Vídeos do percurso II – <i>O Douro de Manoel de Oliveira</i>	275
6.6. Fotogramas do percurso II – <i>O Douro de Manoel de Oliveira</i>	277
6.7. Figuras do percurso III – <i>Há salas de cinema na Baixa</i>	279
6.8. Fotogramas do percurso III – <i>Há salas de cinema na Baixa</i>	283
Apêndices (VII) – mapa interativo de “O Porto na rota do cinema”	285

Apêndices (I) – textos produzidos durante o período de voluntariado relativos à publicação *Património a Norte: a pintura mural no Museu Alberto de Sampaio*.

Esta edição encontra-se disponível no sítio oficial da Direção Regional de Cultura do Norte em: https://issuu.com/cultura.norte/docs/patrim_nioanorte_n_2

1.1. Igreja de São Salvador de Bravães, Ponte da Barca

Classificada como Monumento Nacional, a igreja de São Salvador de Bravães é hoje uma referência da arte românica em Portugal. Apesar de não restar evidências da construção original, a atual igreja foi construída no local onde se encontrava um mosteiro beneditino, fundado por D. Vasco Nunes de Bravães por volta de 1080. O mosteiro, já desaparecido, terá sido ocupado por monges beneditinos e posteriormente pelos cónegos regrantes de Santo Agostinho.

Não é certa a data da construção da igreja, no entanto é provável que tenha começado em meados do século XII estendendo-se até à primeira metade do século XIII. É deste segundo período que resulta a construção do portal principal composto por cinco arquivoltas densamente esculpidas com motivos antropomórficos e vegetalistas. Este espaço viria a ser igualmente ocupado pela Ordem dos Templários, que por sua vez seria substituída pela Ordem de Cristo no século XIV. Em 1434, com a renúncia do seu prior D. João de Mato, o mosteiro seria extinto e a sua igreja convertida em igreja paroquial.

O complexo monástico foi sucessivamente ampliado e melhorado ao longo dos tempos. Durante o século XVI foram encomendadas várias pinturas murais, algumas das quais ainda se conservam na igreja como o Martírio de São Sebastião e a Nossa Senhora com o Menino. Outras construções relevantes incluem a torre sineira e o arco triunfal composto por capitéis cúbicos, decorados com duas ordens de folhagem.

Durante o século XX, a igreja sofreu várias intervenções de restauro e conservação por parte da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) de forma a salvaguardar este património material.

1.2. Convento de São Francisco, Guimarães

Do conjunto primitivo que precedeu o atual Convento de São Francisco em Guimarães, nada subsistiu aos dias atuais. Durante o reinado de D. Dinis, e no seguimento de melhoramentos nas estruturas militares, o antigo convento foi demolido porque encontrava-se muito próximo das muralhas. Por esta razão, é ainda difícil fazer uma datação exata das origens desta velha construção. As opiniões que reúnem maior consenso situam a sua edificação no começo do século XIII, o que lhe confere o estatuto de ser uma das primeiras casas conventuais do país.

A segunda campanha de construção, que começou no ano de 1400, duraria quase um século e resultaria no edifício Gótico que resiste até hoje. Apesar disso, as várias reformas modernas

executadas neste monumento deixaram poucos vestígios da arquitetura gótica, sendo a cabeceira a melhor referência deste período. Quanto ao portal principal, a ausência de decoração e o seu traçado irregular com capiteis pouco cuidados, faz com que este se assemelhe mais com a arquitetura românica do que com a arquitetura gótica.

De facto, as várias obras que aconteceram durante o período moderno tiveram um grande impacto no convento. Em finais do século XVI foi construído o claustro maneirista de dois andares e o interior da igreja seria alvo de uma transformação profunda que mudaria completamente o seu estilo, de Gótico para Barroco. Esta campanha de obras teve um foco grande nos aspetos decorativos, o que resultaria no revestimento da capela-mor e da nave por painéis azulejos e a construção do retábulo-mor.

No século XX foram efetuadas várias obras de restauro levadas a cargo pela DGEMN de modo a fazer uma consolidação estrutural.

1.3. Igreja de Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro de Seco, Chaves

Os primeiros documentos que fazem referência à Igreja de Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro Seco são datados de 1235. Este templo românico tardio é composto por uma nave única curta, uma capela-mor quadrangular e uma sacristia adossada ao lado norte. O portal principal revela uma receptividade aos padrões proto-góticos constituído de duas arquivoltas, adornadas por capitéis de motivos vegetalistas, zoomórficos e antropomórficos.

No século XVI esta igreja viria a ser melhorada, especialmente com a encomenda de várias pinturas murais com representações de cenas da vida de Cristo como o Batismo, o Calvário, a Lamentação, o Enterro, a Ressurreição de Cristo, entre outros. No entanto com o tempo e devido à humidade e fumo das velas, estas pinturas foram-se degradando.

Como consequência nos anos 30 do século XX, a DGEMN levou a cabo uma iniciativa de destacamento das pinturas murais para serem restauradas no Instituto José Figueiredo. Três destas pinturas ainda estão depositadas neste instituto, outras três foram transportadas para o Museu Soares dos Reis e duas para o Museu Alberto Sampaio, nomeadamente o Batismo de Cristo e a Transfiguração.

Outras obras feitas pela DGEMN neste mesmo período levaram à remoção da torre sineira e de quatro lápides sepulcrais que seriam levadas para o exterior.

1.4. Igreja de São Salvador de Fontarcada, Póvoa de Lanhoso

O Lugar do Mosteiro, local onde se encontra a Igreja de São Salvador de Fontarcada - concelho de Póvoa do Lanhoso, obteve esta designação pelo facto de ter havido aqui um pequeno mosteiro beneditino, fundado no ano de 1067 por D. Godinho Fafes do qual existem menções da atribuição da carta de couto por D. Afonso Henriques. A atual igreja de estilo romano-gótico seria construída mais tarde em meados do século XIII.

Apesar das suas pequenas dimensões, o mosteiro prosperou durante duzentos anos, mas no século XIV viria a passar por dificuldades. Em 1450, por intervenção do rei é confirmado os privilégios deste mosteiro, no entanto, apenas 5 anos depois e após a renúncia do seu abade Mestre Fernando, o Arcebispo D. Fernando da Guerra extingue o mosteiro e torna-o em arcediagado.

Este exemplar da arquitetura românica é composto por nave única coberta a madeira e capela-mor redonda abobadada. Já no exterior é possível ver a torre sineira adossada à fachada, a rosácea de estilo gótico e o pórtico de três arquivoltas com capitéis esculpidos e tímpano com a representação do Agnus Dei.

No século XX, esta igreja foi alvo de diversas intervenções levadas a cabo pela DGMEN com foco na reconstrução de várias estruturas do edificado e no restauro dos frescos que ali se encontravam.

1.5. Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Vila Real

No ano de 1996 é descoberto na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, um painel de pintura mural que reveste a parede fundeira da capela-mor atrás de um frontal de madeira. Este painel mostra uma representação da Árvore de Jessé e apesar de se encontrar bastante danificado é ainda possível ver o ano em que este fresco foi criado (ano de 1529) e também uma inscrição que possivelmente alude ao autor desta obra - "AM.DRA".

Este pequeno templo tardo-gótico de nave única e capela-mor retangular foi construído entre finais do século XV e princípios do século XVI pelo Abade de Mouços e Freamunde, o Protonotário de Vila Real D. Pedro de Casto. Apesar da sua arquitetura gótica, esta igreja apresenta algumas características tipológicas, decorativas e de proporção que se assemelham com o estilo românico, das quais podemos destacar os portais laterais de arco pleno e os cachorros no remate superior das paredes. O portal principal apresenta, no entanto, um arco em ogiva - referência do período gótico. Este portal é servido por um patamar quadrado de granito com três degraus.

O teto, de construção mais recente, foi o resultado de uma intervenção de restauro realizada em 1992 e 1996, que teve como objetivo o reforço das estruturas e a consolidação dos aspetos decorativos.

Todos anos, no segundo domingo de maio, é realizada a romaria de Nossa Senhora de Guadalupe junto ao cruzeiro que ainda se conserva no adro da igreja.

1.6. Igreja de Santa Marinha de Vila Marim, Vila Real

Fundada entre os séculos XIII e XIV, a Igreja de Santa Marinha de Vila Marim destaca-se principalmente pelo seu importante e diverso conjunto de frescos que reveste o seu interior, resultado de diferentes programas de pintura mural encomendados nos séculos XV e XVI. Destas campanhas sucessivas destacamos dois conjuntos de pintura mural próximos do arco triunfal do lado do Evangelho. Estas duas pinturas encontram-se sobrepostas, estando numa zona superior o conjunto mais antigo com a representação de Santa Catarina e um conjunto posterior com as representações de São Brás, Santo Antão e São Roque numa zona inferior e uma outra composição representando Cristo no Jardim das Oliveiras, rodeado por Pedro, Tiago e João, e O Beijo de Judas.

Também podemos ver dois conjuntos de dois períodos diferentes nas paredes da capela-mor: na parede fundeira uma composição de finais do século XV com a representação de Santa Marinha ladeada por São Bento e São Bernardo; e um segundo conjunto com uma composição decorativa de

grotescos em amarelo, ocre e vermelho. No canto inferior esquerdo desta composição é possível ver uma figuração de um galgo.

Em relação à estrutura, este templo é constituído por nave única, capela-mor e sacristia e é adossada por uma torre sineira contruída no século XVIII. Em 2006 foi classificada como Imóvel de Interesse Público

1.7. Igreja de Santa Leocádia, Chaves

As primeiras menções que comprovam a existência da Igreja de Santa Leocádia remontam ao século XIII. Através de um documento régio de 28 de setembro de 1264, podemos constatar que Afonso III ordenou os juizes de Chaves a não obrigar os habitantes destas terras a prestar tributo ao castelo de Chaves, de forma a atender aos protestos dos abades das igrejas de Santa Leocádia, Moreiras e São Miguel de Nogueira.

Quanto à construção do edificado, é possível que tenha ocorrido por volta do século XII, o que torna esta igreja numa das mais antigas do aro de Chaves. Composta por uma nave curta e capela-mor retangular, esta igreja de arquitetura românica sofreu ao longo dos séculos várias reformas estruturais e decorativas. Destas remodelações podemos destacar a pintura mural do século XVI que revestia todo o interior com figuras representadas em grande escala, os retábulos de talha dourada dos séculos XVII e XVIII, a abertura de um novo portal e janela na fachada principal no século XVIII, e as pinturas executadas no teto durante o século XIX.

Em 1997, durante trabalhos arqueológicos, é descoberto um muro romano no cunhal nordeste da capela-mor, o que comprova a presença de restos de uma construção deste período e do povoamento nesta zona muito anterior à existência deste templo.

1.8. Igreja da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Guimarães

A fundação da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, remete-nos para um período que antecede o nascimento da nação. Durante a primeira metade do século X a condessa Mumadona Dias, tia de Ramiro II rei de Leão, funda o então Mosteiro de Santa Maria de Guimarães que iria mais tarde ser convertido em Colegiada durante o século XII.

A igreja manteve o nome de Santa Maria de Guimarães até 1342 quando, e de acordo com a tradição, um negociante vimaranense chamado Pedro Esteves ergueu um Padrão para comemorar a vitória da Batalha do Salado junto de uma oliveira situada no adro da igreja. Passados três dias a antiga oliveira rejuvenesceu milagrosamente, dando o desígnio de Igreja de Nossa Senhora da Oliveira. A oliveira viria a ser cortada no século XIX, contra a vontade da população que a considerava milagrosa.

Este local tornou-se num importante ponto de peregrinação durante o século XIV sendo o rei D. João I o peregrino de maior relevo que, por ter vencido a Batalha de Aljubarrota com a proteção da Virgem Santa Maria de Guimarães, cumpre o seu voto e manda reedificar a igreja em 1387, sagrada em 1401.

Marco da arquitetura gótica, a Igreja da Nossa Senhora da Oliveira é composta por três naves com três tramos, transepto, capela-mor e torre sineira adossada à frontaria. Em cima do portal

principal encontra-se um janelão cego, onde originalmente podíamos observar uma representação da Árvore de Jessé que formaria o caixilho do janelão.

Em relação à Colegiada, esta sobreviveu à extinção por duas vezes ao contrário de outras desapareceriam em 1834 com a extinção das ordens religiosas. Em 1910 foi classificada como Monumento Nacional

1.9. Igreja de São Miguel do Castelo de Guimarães

Quem visitar a Igreja São Miguel do Castelo irá encontrar no seu interior junto da pia batismal, uma lápide datada de 1664. A inscrição gravada nesta lápide alude ao batismo de D. Afonso Henriques, perpetuando a lenda de que teria sido nesta igreja que o fundador da nação foi batizado. Apesar da forte ligação que este lugar tem com a história da nossa nacionalidade, a verdade é que a construção deste edifício aconteceu durante século XIII, já no reinado de Afonso III.

A primeira referência a este templo remonta ao ano de 1216 e menciona que a construção aconteceu por iniciativa da Colegiada de Guimarães, alvo de contenção na altura por parte do Arcebispo de Braga o que levaria até a um confronto de armas entre as duas partes. No entanto a igreja viria a ser sagrada em 1239 pelo próprio Arcebispo.

Esta simples igreja, com pouca decoração e composta por nave única e capela-mor, caiu na ruína por volta de 1870. Poucos anos depois um grupo de habitantes de Guimarães procederam a uma ação de restauro da estrutura e já no século XX a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais fez parte de uma campanha que visou supressão de elementos não-medievais como por exemplo a remoção do campanário, dos altares barrocos que se encontravam na nave da igreja e do entaipamento de algumas janelas e portas abertas durante o século XIX.

Atualmente este Monumento Nacional, decretado no ano de 1910, encontra-se integrado no conjunto monumental que inclui o Castelo de Guimarães e o Paço dos Duques de Bragança.

1.10. Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras

A paróquia de São Mamede de Vila Verde teve a sua fundação nos primeiros anos do século XIII. Os registos mais antigos do primitivo templo datam de 1220 integrando-o no padroado do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. Este templo haveria, no entanto, de ser substituído por uma igreja construída no século XIV, pelo que nenhum vestígio sobreviveu da anterior construção.

Composta por nave única e capela-mor, a Igreja de São Mamede de Vila Verde viu o seu interior ser enriquecido durante o século XVI por um programa de pintura mural executado pelo Mestre Arnaus, importante fresquista do Renascentismo português. Ainda se conservam alguns vestígios in loco da pintura mural que reveste a nave e capela-mor o que nos permite identificar os padrões com motivos vegetalistas e geométricos usados nas paredes laterais, assim como a composição retabular na parede da cabeceira com a representação de São Bernardo e São Bento.

A transferência de culto para a nova igreja paroquial de Vila Verde no século XIX, resultou no abandono deste monumento medieval. Na década de 50 do século XX já não possuía cobertura o que acelerou estado de ruína do edificado por força das intempéries. Recentemente a igreja foi alvo de várias intervenções de conservação e requalificação, no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa

promovido pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e pela Direção Regional da Cultura do Norte.

1.11. Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, Felgueiras

O Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro foi, durante o período medieval, um dos mais importantes mosteiros beneditinos de Entre-Douro-e-Minho pelo seu valor patrimonial e dimensão do seu programa construtivo. Existem menções de Pombeiro que remontam ao ano de 853, através de um breve Papal, o que o torna numa das instituições monacais mais antigas de todo território português.

Da primeira construção, iniciada no ano de 1059, não sobraram quaisquer vestígios, sendo o atual edifício o resultado de uma segunda campanha iniciada em finais em 1199 pelo abade D. Gonçalo, como indica uma inscrição funerária e comemorativa da fundação do mosteiro, gravada junto de uma porta que acede ao claustro.

O Mosteiro de Pombeiro viria a receber sucessivos enriquecimentos de ordem estrutural e decorativa ao longo do tempo, começando no século XIII com a execução do portal ocidental e da ampla rosácea. Durante os séculos XVI e XVIII esta construção recebe um grande número de reformas que lhe dão o aspeto atual. Em menos de uma centúria, é contruída uma nova ala do claustro (1702), coro alto (1719) e capela-mor (1722), assim como é encomendado um órgão (1767), o retábulo-mor (1770-1773) e múltiplos retábulos laterais (1774-1780).

Durante uma campanha neoclássica de princípios do século XIX, o claustro é reformulado, mas poucos anos depois com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, a instituição monástica é encerrada e o mosteiro entra num processo de ruína que se prolonga pelo século XIX.

O mosteiro é classificado Monumento Nacional em 1910 sendo alvo de restauro em meados do século XX. Atualmente o edifício é afeto à Direção Regional da Cultura do Norte (DRCN), fazendo parte da Rota do Românico.

1.12. Igreja de São Dinis, Vila Real

Situada no antigo núcleo medieval de Vila Real, a Igreja de São Dinis está fortemente ligada à fundação daquele primitivo burgo. Mesmo não existindo certezas relativas à sua construção, pensa-se que tenha acontecido nos princípios do século XIV. De arquitetura românica tardia, a Igreja de São Dinis apresenta uma amálgama de estilos arquitetónicos, consequência das constantes remodelações que o edificado foi sujeito ao longo dos tempos. Destas transformações é de ressaltar a decoração feita no século XVII com o revestimento do interior de painéis de azulejos, a encomenda de retábulos laterais barrocos e colaterais maneiristas, a construção da sacristia e torre sineira no século XVIII e a adição do retábulo-mor de estilo neoclássico no século XIX.

A Igreja de São Dinis é ainda adossada pela capela de São Brás, o templo mais antigo da cidade e a primeira sede paroquial deste território. A construção teve lugar poucos anos depois da fundação de Vila Real, ocorrida no ano de 1289 por ordem de D. Dinis. Este templo, transformado em capela funerária, apresenta uma planta retangular e dispõe de poucos elementos decorativos e de um modesto valor artístico. Apesar de ainda não existirem provas concretas que atestem esta teoria, julga-

se que esteja aqui sepultado, o corpo de Lourenço Viegas, filho de D. Egas Moniz e espadeiro do primeiro rei de Portugal - D. Afonso Henriques.

1.13. Igreja de São Tiago de Folhadela, Vila Real

A construção da Igreja de São Tiago de Folhadela, apesar de não ser certo, deverá ter ocorrido por volta dos séculos XIII-XIV durante o período tardo-românico. O edifício apresenta uma planta longitudinal composta por nave única e capela-mor retangular e ainda sacristia e torre sineira adossadas do lado norte, as duas últimas em acrescento posterior executado no século XVIII. No interior o teto de madeira apresenta um programa de pintura com figurações de São Pedro, São Paulo e dos Evangelistas.

*No século XVI é encomendado um programa de pintura mural, que alguns estudiosos atribuem ao pintor renascentista Mestre Arnaus. Dos vários conjuntos de pintura que se encontram no interior da Igreja de São Tiago de Folhadela devemos realçar os frescos localizados no arco triunfal: do lado do Evangelho conservam-se vestígios de pintura com a representação de São Bartolomeu; do lado da Epístola observamos as figuras de São Sebastião e São Pedro; e no topo figura-se o Calvário acompanhado da inscrição **"QVI TRANSITIS PER VIAM ATTENDITE ET VIDETE SI EST DOLOR SICUT DOLOR"** - Lamentações 1:12, tradução "Ó vós que passais pelo caminho, olhai e vede: Se há dor semelhante à minha dor".*

A fachada principal foi completamente alterada, muito provavelmente durante o século XIX, criando um grande contraste com o resto do edificado. Deste período pertence também os retábulos colaterais e o retábulo-mor de estilo neoclássico.

Já no século XX e na continuação de uma intervenção de conservação da pintura mural presente na nave, a Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais procedeu ao restauro da pintura que se encontrava na parede fundeira da capela-mor por detrás do retábulo-mor figurando São Pedro, São Tiago e São Paulo.

1.14. Igreja de São Paio de Midões, Barcelos

*Ao contrário das igrejas de São Tiago de Folhadela e de Santa Marinha de Vila Marim (distrito de Vila Real), onde se encontram obras que alguns historiadores atribuem a Mestre Arnaus, referência da arte renascentista em Portugal, a Igreja de São Paio de Midões destaca-se dos seus pares por ser a única que possui um programa de pintura mural assinado pelo pintor. Apesar do mau estado de conservação da pintura, causado em parte pela estrutura que suporta o retábulo-mor do século XVIII, é ainda possível ver elementos do fresco de Arnaus na parede fundeira da capela-mor. Esta obra também se encontra datada (ano de 1535) como indica a inscrição gravada na pintura **".ARNAVS. F./1535."** O tríptico figura do lado do Evangelho São Paio e do lado da Epístola Santa Margarida e o Dragão. No centro vemos a Nossa Senhora com o Menino coroada por anjos.*

Relativamente à igreja, é ainda difícil fazer uma datação precisa sobre a sua construção, mas pensa-se que deverá ter acontecido por volta do século XIII, colocando-a no período românico tardio. Desta época conserva-se a estrutura primitiva assim como o portal principal com arquivolta plena. O templo é composto por nave, capela-mor, sacristia e torre sineira.

1.15. Museu de Alberto Sampaio, Guimarães

Situado no centro histórico de Guimarães, ocupando o claustro de um antigo mosteiro do século X, o Museu Alberto Sampaio abriu ao público a 1 de agosto de 1931 para receber a coleção, composta maioritariamente de arte sacra, da então extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, assim como o espólio de diversas outras igrejas e conventos da região de Guimarães.

Alfredo Guimarães é escolhido para acompanhar as obras de recuperação do edificado do Museu, que ocupa não só o claustro, mas também o Cabido da Colegiada e as antigas salas medievais e casas do Priorado. Em 1932 Alfredo Guimarães é nomeado Diretor do Museu Alberto Sampaio.

O Museu alberga um importante espólio artístico de que faz parte: o conjunto de escultura tumular, de vulto e de arquitetura, com exemplares do período medieval e renascentista; o núcleo de pintura composto por pintura mural destacada e pintura sobre tábuas; a coleção de cerâmica que reúne objetos de faiança e azulejaria; o importante conjunto de ourivesaria do qual se destaca o cálice românico de D. Sancho I;

Deste espólio é importante realçar a veste militar usada por D. João I na batalha de Aljubarrota e ainda tríptico de prata dourada com a representação da Natividade e a figura de Santa Maria, ambos oferecidos pelo Mestre de Avis.

1.16. Igreja de São Martinho de Penacova, Felgueiras

A Igreja de São Martinho de Penacova, concelho de Felgueiras, terá sido fundada por volta do século XVI. É composta por nave única e capela-mor quadrangular e adossado à igreja encontra-se a sacristia e torre sineira. No entanto o grande destaque deste edifício encontra-se no interior na parede fundeira da capela-mor, onde se conserva boa parte do programa de pintura mural com a representação do orago deste templo, São Martinho. Nesta representação, o santo está a cavalo enquanto divide o seu manto com o mendigo.

Por cima da figura encontra-se gravada uma inscrição bem conservada onde podemos ler: “mARTInVS AdVS CATECVmInUS AdjV mE ...CVn...”. Esta inscrição alude a um episódio da história do santo em que, depois de ter repartido o seu manto com o mendigo, São Martinho tem um sonho onde Cristo lhe aparece com a metade que havia dado ao pobre homem. Nesse sonho Cristo diz aos anjos: “Martinus, adhuc catechumenus hac me veste contexit”, ou seja, “Martinho ainda que não mais que catecúmeno, deu-me este manto”.

Apêndices (II) – tabelas esquemáticas do projeto “Missão Portugal”.

2.1. Tabela de “IPHAN – GRUPO 1” (Secção I)

GRUPO 1- PAISAGENS CULTURAIS; SÍTIOS HISTÓRICOS; E SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS							
DIA	DATA	HORA	AÇÃO	LOCALIDADE	SÍTIO(S)	Nº DE PESSOAS	COORDENADAS
1	dd-mm	9:00	Chegada	Porto	Aeroporto Sá Carneiro	48	41.236956, - 8.670857
			Deslocação: Aeroporto - Hotel X	Porto	Aeroporto Sá Carneiro; Hotel X	48	
			Check in	Porto	Hotel X	48	
			Reunião na Câmara Municipal do Porto	Porto	Câmara Municipal do Porto	48	41.149869, - 8.610742
			Almoço	Porto	Restaurante X	48	
		Visita ao Centro Histórico do Porto	Porto	(...)	48	41.146393, - 8.611420	
2	dd-mm		Visita à Torre dos Clérigos	Porto	Torre dos Clérigos	48	41.145656, - 8.614664
			Almoço	Porto	Restaurante X	48	
			Visita ao Centro de Interpretação do Vinho do Porto	Porto	Instituto do Vinho do Porto	48	41.141906, - 8.615458
3	dd-mm		Check out	Porto	Hotel X	48	
			Deslocação: Porto (Hotel X) - Torre de Moncorvo (Hotel X)	Porto; Torre de Moncorvo	Hotel X; Hotel X	23	
			Check in	Torre de Moncorvo	Hotel X	23	
			Almoço	Torre de Moncorvo	Restaurante X	23	
			Visita a Torre de Moncorvo	Torre de Moncorvo	(...)	23	41.174821, - 7.052054
4	dd-mm		Deslocação: Torre de Moncorvo (Hotel X) - V. N. Foz Côa (Museu do Côa)	Torre de Moncorvo; V.N. Foz Côa	Hotel X; Museu do Côa	23	

		Visita ao Museu e Fundação do Côa e ao Sítio Arqueológico Canada do Inferno	V.N. Foz Côa	Museu do Côa; Canada do Inferno	23	41.079912, - 7.112223
		Almoço	V.N. Foz Côa	Restaurante X	23	
		Visita ao Vale do Côa	V.N. Foz Côa	(...)	23	41.079912, - 7.112223
		Deslocação: Vale do Côa - Torre de Moncorvo (Hotel X)	V.N. Foz Côa; Torre de Moncorvo	(...); Hotel X	23	
5	dd-mm	Check out	Torre de Moncorvo	Hotel X	23	
		Deslocação: Torre de Moncorvo (Hotel X) - Peso de Régua (Hotel X)	Torre de Moncorvo; Peso de Régua	Hotel X; Hotel X	23	
		Check in	Peso da Régua	Hotel X	23	
		Almoço	Peso da Régua	Restaurante X	23	
		Visita à zona ribeira de Peso da Régua	Peso da Régua	(...);	23	41.160711, - 7.789736
		Visita ao Museu do Douro	Peso da Régua	Museu do Douro	23	41.161480, - 7.789983
6	dd-mm	Check out	Torre de Moncorvo	Hotel X	23	
		Deslocação: Peso de Régua (Hotel X) - Tarouca (Mosteiro de São de Tarouca)	Peso da Régua	Hotel X; Mosteiro de São João de Tarouca	23	
		Visita ao Mosteiro de São João de Tarouca	Tarouca	Mosteiro de São João de Tarouca	23	40.994421, - 7.746137
		Almoço	Tarouca	Restaurante X	23	
		Deslocação: Tarouca (Mosteiro de São João de Tarouca) - Porto (Casa Allen)	Tarouca; Porto	Mosteiro de São João de Tarouca; Casa Allen	23	

			Reunião entre "Missão" e DRCN	Porto	Casa Allen	48	41.155849, - 8.642059
			Check in	Porto	Hotel X	23	
7	dd-mm		Check out	Porto	Hotel X	48	
			Deslocação: Porto (Hotel X) - Lisboa (Hotel X)	Porto; Lisboa	Hotel X; Hotel X	48	
			Check in	Lisboa	Hotel X	48	
			Almoço	Lisboa	Restaurante X	48	
			Reunião junto à DGPC e Turismo de Portugal	Lisboa	Palácio da Ajuda	48	38.707593, - 9.197955
			Visita à Lisboa Story Center	Lisboa	Praça do Comércio	48	38.707950, - 9.135424
8	dd-mm		Check out	Lisboa	Hotel X	48	
			Reunião na Câmara Municipal de Lisboa	Lisboa	Câmara Municipal de Lisboa	48	38.708128, - 9.138639
			Almoço	Lisboa	Restaurante X	48	
			Visita ao Castelo de São Jorge	Lisboa	Castelo de São Jorge	48	38.713935, - 9.133586
			Deslocação: Castelo de São Jorge - Aeroporto	Lisboa	Castelo de São Jorge; Aeroporto Humberto Delgado	48	
		21.00	Partida	Lisboa	Aeroporto Humberto Delgado	48	38.770145, - 9.132614

2.2. Tabela de "IPHAN – GRUPO 1" (Secção II)

CONTACTO LOCAL							
RESPONSÁVEL			TÉCNICO			CUSTO	
NOME	TELEFONE	E-MAIL	NOME	TELEFONE	E-MAIL		CUSTO
NA	NA	NA	NA	NA	NA		

Antonio Tavares (Diretor executivo)	220145489 (Diretor exec.)	antonio.tavares@torredo-sclerigos.pt				
Gilberto Paulo Peixoto Igrejas (Presidente)	222071600 (Geral)	ivdp@ivdp.pt				
Bruno Navarro (Presidente da Fundação Côa)	279 768 260 (Geral)	museugeral@arte-coa.pt				
Prof. Fernando Pinto (Presidente)	254 310 197 (Direção) / 254 310 190 (Geral)	geral@museudodouro.pt				
Alexandra Falcão (Diretora do Museu de Lamego)	254 600 230 (Museu de Lamego)	valedovarosa.visitar@culturanorte.gov.pt				
NA	NA	NA	NA	NA	NA	
Paula Silva (Diretora-Geral)	213 614 200 (Geral)	dgpc@dgpc.pt				
Luísa Adelino (Diretora)	211 941 099 (Geral)	info@lisboastorycentre.pt				

Teresa Oliveira (Diretora)	218 800 620 (Geral)	info@castelodesaojorge.p				
		t				
NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA

2.3. Tabela de “IPHAN – GRUPO 2” (Secção I)

GRUPO 2 - CIDADES HISTÓRICAS							
DIA	DATA	HORA	AÇÃO	LOCALIDADE	SÍTIO(S)	Nº DE PESSOAS	COORDENADAS
1	dd-mm	9:00	Chegada	Porto	Aeroporto Sá Carneiro	48	41.236956, - 8.670857
			Deslocação: Aeroporto - Hotel X	Porto	Aeroporto Sá Carneiro; Hotel X	48	
			Check in	Porto	Hotel X	48	
			Reunião na Câmara Municipal do Porto	Porto	Câmara Municipal do Porto	48	41.149869, - 8.610742
			Almoço	Porto	Restaurante X	48	
			Visita ao Centro Histórico do Porto	Porto	(...)	48	41.146393, - 8.611420
2	dd-mm		Visita à Torre dos Clérigos	Porto	Torre dos Clérigos	48	41.145656, - 8.614664
			Almoço	Porto	Restaurante X	48	
			Visita ao Centro de Interpretação do Vinho do Porto e do Douro	Porto	Instituto do Vinho do Porto	48	41.141906, - 8.615458
3	dd-mm		Check out	Porto	Hotel X	48	
			Deslocação Porto (Hotel X) - Guimarães (Hotel X)	Porto; Guimarães	Hotel X; Hotel X	25	
			Check in	Guimarães	Hotel X	25	
			Almoço	Guimarães	Restaurante X	25	

				Reunião na Câmara Municipal de Guimarães	Guimarães	Câmara Municipal de Guimarães	25	41.444137, - 8.292207
4	dd-mm			Visita ao Centro Histórico de Guimarães	Guimarães	(...)	25	41.442951, - 8.292847
				Visita à Casa da Memória	Guimarães	Casa da Memória	25	41.442608, - 8.300404
				Almoço	Guimarães	Restaurante X	25	
				Visita ao Paço dos Duques	Guimarães	Paço dos Duques	25	41.446449, - 8.291078
				Visita ao Castelo de Guimarães	Guimarães	Castelo de Guimarães	25	41.447820, - 8.290361
5	dd-mm			Check out	Guimarães	Hotel X	25	
				Deslocação: Guimarães (Hotel X) - Porto (Hotel X)	Guimarães; Porto	Hotel X; Hotel X	25	
				Check in	Porto	Hotel X	25	
				Visita à Casa do Infante	Porto	Casa do Infante	25	41.140738, - 8.614542
				Almoço	Porto	Restaurante X	25	
				Visita à Alfândega Nova	Porto	Alfândega Nova	25	41.143035, - 8.621744
6	dd-mm			Visita ao Espaço Património a Norte	Porto	Convento da Serra do Pilar	25	41.138171, - 8.608177
				Almoço	Porto	Restaurante X	25	
				Reunião entre "Missão" e DRCN	Porto	Casa Allen	48	41.155849, - 8.642059
7	dd-mm			Check out	Porto	Hotel X	48	
				Deslocação: Porto (Hotel X) - Lisboa (Hotel X)	Porto; Lisboa	Hotel X; Hotel X	48	
				Check in	Lisboa	Hotel X	48	
				Almoço	Lisboa	Restaurante X	48	
				Reunião junto à DGPC e Turismo de Portugal	Lisboa	Palácio da Ajuda	48	38.707593, - 9.197955

			Visita à Lisboa Story Center	Lisboa	Praça do Comércio	48	38.707950, - 9.135424
8	dd-mm		Check out	Lisboa	Hotel X	48	
			Reunião na Câmara Municipal de Lisboa	Lisboa	Câmara Municipal de Lisboa	48	38.708128, - 9.138639
			Almoço	Lisboa	Restaurante X	48	
			Visita ao Castelo de São Jorge	Lisboa	Castelo de São Jorge	48	38.713935, - 9.133586
			Deslocação: Castelo de São Jorge - Aeroporto	Lisboa	Castelo de São Jorge; Aeroporto Humberto Delgado	48	
		21.00	Partida	Lisboa	Aeroporto Humberto Delgado	48	38.770145, - 9.132614

2.4. Tabela de “IPHAN – GRUPO 2” (Secção II)

CONTACTO LOCAL							
RESPONSÁVEL			TÉCNICO				
NOME	TELEFONE	E-MAIL	NOME	TELEFONE	E-MAIL	CUSTO	
NA	NA	NA	NA	NA	NA		
Antonio Tavares (Diretor executivo)	220145489 (Diretor exec.)	antonio.tavares@torredosclerigos.pt					
Gilberto Paulo Peixoto Igrejas (Presidente)	222071600 (Geral)	ivdp@ivdp.pt					

	253 424 716	casadamemoria@aoficina.pt				
Isabel Fernandes (Diretora)	253 412 273 (Diretora)	pduques.diretora@culturanorte.gov.pt				
"	"	"				
Div. Mun. de Museus - Inês Borges / Div. Mun. de Património Cultural - Alexandra Lima	226 057 000 (Div. Mun. de Museus e Patr.Cult.)	dmmpc@cm-porto.pt				
Mário Ferreira (Presidente - Museu de Transportes de Comunicações)	223 403 000 (Geral)	geral@ccalfandegaporto.com				
NA	NA	NA	NA	NA	NA	
Paula Silva (Diretora-Geral)	213 614 200 (Geral)	dgpc@dgpc.pt				
Luísa Adelino (Diretora)	211 941 099 (Geral)	info@lisboastorycentre.pt				
Teresa Oliveira (Diretora)	218 800 620 (Geral)	info@castelodesaojorge.pt				
NA	NA	NA	NA	NA	NA	

Apêndices (IV) – índice com proposta de conteúdos enviado aos autores em novembro de 2019.

CINEMA EM PORTUGUÊS: ÍNDICE DE CONTEÚDOS

Capítulo I: Dos primórdios do cinema à Invicta Film

- *Como surgiu o cinema? Que desenvolvimentos tecnológicos possibilitaram o seu aparecimento?*
- *A chegada do cinema a Portugal - Edward Rousby e o “Animatógrafo”.*
- *Os pioneiros do cinema em Portugal: Aurélio da Paz dos Reis; Manuel Maria Veiga; João Freire Correia; O “ciclo de Lisboa”.*
- *O cinema estrangeiro em Portugal: Georges Pallu; Rino Lupo; Maurice Mariaud.*
- *1ª tentativa de criar uma indústria de cinema em Portugal - Invicta Film.*

Capítulo II: Do início do sonoro ao crepúsculo da comédia

- 1930’s

- *Transição do filme mudo para o sonoro.*
- *Contexto global - Os desenvolvimentos tecnológicos que permitiram a produção de “fonofilmes”.*
- *Os primeiros “fonofilmes” exibidos em Portugal: Sombras Brancas nos Mares do Sul (1928); A Canção do Berço (1930); A Severa (1931); A Canção de Lisboa (1933).*
- *Criação da Tobis Portuguesa - Contributos do estúdio na produção de filmes sonoros.*
- *Novas figuras do cinema português: Leitão de Barros; Jorge Brum do Canto; Manoel de Oliveira; António Lopes Ribeiro; Beatriz Costa; António Silva; Vasco Santana; Maria Matos.*

- 1930-1940’s

- *Comédias portuguesas dominam o cinema português.*
- *Aumento das publicações cinematográficas e criação de cineclubes.*

- 1950’s

- *Declínio da comédia portuguesa e falta de conteúdo para cinematizar.*
- *Ano zero do cinema (1955) e “Geração dos assistentes”.*
- *Princípios da mudança de paradigma no cinema português e aproximação ao Cinema Novo.*

Capítulo III: Estado Novo e o cinema

- *Contexto político e social nos princípios da década de 1930.*
- *Salazar e o cinema - o que pensava o Chefe de Estado da 7ª arte?*
- *“Política de Espírito”, SNP/SNI e António Ferro.*
- *Intervenções do Estado Novo no cinema:*
 - *O Cinema Educativo e os cinemas ambulantes;*
 - *A censura em Portugal e no cinema português - Inspeção Geral de Espetáculos;*
 - *A produção de documentários e ficções nacionais.*

- *O aparecimento da RTP e o fim do cinema como projeto nacional.*

Capítulo IV: Do Cinema Novo à revolução

- *Momento disruptivo do cinema nacional promovido por uma nova geração de cineastas cultos que vão-se afastar dos padrões do cinema oficial e comercial português.*
- *Importância da Fundação Calouste Gulbenkian para a formação e promoção destes realizadores.*
- *Fundação da 1ª cooperativa de cinema em Portugal, o Centro Português de Cinema (CPC) e criação do Instituto Português do Cinema (IPC).*
- *Principais temas/preocupações desta geração e quais as principais obras de ficção e documentários deste período.*

Capítulo V: Do 25 de abril à atualidade

- 1970s

- *Primeiras consequências do pós 25 de abril no cinema português: extinção da censura; filmes censurados estreiam pela 1ª vez; luta política pelo controlo do cinema.*

- 1980s

- *A diminuição massiva de espectadores nas salas de cinema.*
- *A tentativa de reeditar a época de ouro do cinema português - O retorno das comédias portuguesas.*
- *Internacionalização do cinema português: participação em vários festivais internacionais e a consagração de vários filmes e realizadores no estrangeiro.*

- 1990s-2010s

- *Época de várias coproduções internacionais e de financiamento europeu.*
- *Criação de festivais de cinema.*
- *“Geração curtas”: proliferação das curtas-metragens.*
- *Equipas técnicas com maior formação.*
- *Perspetiva para o futuro do cinema português.*

Capítulo VI: As salas de cinema

- *Retrato histórico.*
- *Alterações/evoluções arquitetónicas/funcionais dos diferentes espaços de exibição de filmes.*
- *Identificação de casos de demolição/desaparecimento; requalificação dos espaços/equipamentos; continuidade; abandono.*
- *Significado e valor património-cultural.*

Capítulo VII: A imprensa de cinema em Portugal

- *Retrato histórico tendo como ponto de partida as suas origens na década de 1910 até ao seu declínio a partir da década de 1970 identificando os principais títulos e a sua importância para o panorama cinematográfico português.*
- *Retrato do estado atual.*

Capítulo VIII: Os cineclubes

- *Abordagem histórica dos cineclubes.*
- *Retrato do panorama atual e identificação dos principais cineclubes em atividade.*
- *Atividades promovidas pelos cineclubes na valorização da cultura cinematográfica: formações; edição/publicação de livros/coleções; conversas de cinema; produção de filmes; organização de festivais.*
- *Principais desafios.*

Capítulo IX: Os arquivos cinematográficos

- *O que é um arquivo cinematográfico?*
- *O caso português: História da Cinemateca Portuguesa*
- *Arquivo Nacional de Imagens em Movimento (ANIM):*
 - *Missão; Funcionamento; Coleções; Manutenção; Conservação; Restauro.*
- *Outros arquivos.*

Capítulo X: A indústria, os profissionais e o público

- *Produção, distribuição e exibição.*
 - *Tentativas de criação de uma indústria de cinema em Portugal.*
 - *Quais foram/são os maiores entraves na criação de um modelo comercial do cinema em Portugal.*
- *A formação, a profissão e o capital.*
 - *Os profissionais: Produtores, realizadores, argumentistas, projecionistas (ambulantes); ilustradores; cenógrafos, etc.*
 - *Principais desafios de um profissional de cinema em Portugal.*
 - *A luta constante pelo financiamento das produções.*
 - *Formações e escolas de cinema em Portugal.*
- *Os públicos.*
 - *O número de espectadores das salas de cinema.*
 - *A batalha entre as grandes distribuidoras/produtoras de cinema e o “home streaming”.*
 - *As tentativas de trazer novos públicos para as salas cinema (ex. 3D; IMAX; 4DX).*

Apêndices (V) – textos da “versão a publicar” de “O Porto na rota cinema”

Textos entregues ao gabinete editorial da DRCN no dia 01 de julho de 2020 (até à data de 31 de agosto de 2020 ainda não foi aprovada para publicação).

5.1. Introdução

Nem um ano havia decorrido desde que os Lumière apresentaram pela primeira vez o seu cinematógrafo ao público parisiense, e a cidade Porto já escrevia as primeiras páginas da história do cinema português. Seria na noite de 12 de novembro de 1896, que Aurélio da Paz dos Reis, um fotógrafo do Porto tornado cineasta, apresentaria o “Kinetographo Portuguez” no Teatro-Circo Príncipe Real, atualmente denominado Teatro Sá da Bandeira. No programa deste espetáculo cinematográfico foram apresentados cinco “quadros” estrangeiros, e outros sete portugueses, de sua autoria. Esta seria a primeira sessão de filmes portugueses no país.

Esta e outras histórias serviram de pretexto para a conceção de “O Porto na rota do cinema”, uma viagem pelas ruas da “Invicta”, recordando a cidade e os seus contributos para a formação do cinema português. O roteiro foi dividido em três diferentes percursos que cobrem temáticas distintas, sendo que o primeiro irá debruçar-se sobre uma figura importante dos primórdios do cinema em Portugal. O percurso “Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português”, retrata precisamente o homem por detrás do “Kinetographo Portuguez”. Atravessando um conjunto de locais do centro do Porto e do Bonfim, tentaremos perceber melhor quem terá sido este pioneiro do cinema que, para lá da sua veia artística, possuía uma multiplicidade de outros interesses.

De seguida vamos descobrir “O Douro de Manoel de Oliveira”, um percurso que pretende dar a conhecer um conjunto de sítios da frente ribeirinha do Porto e de Vila Nova de Gaia, que serviram já de cenário para os filmes do realizador Manoel de Oliveira. Nestes locais aproveitamos para discutir um pouco sobre as transformações urbanas ocorridas nas últimas décadas na zona ribeirinha e nos centros históricos das duas cidades. Por fim, no percurso “Há salas de cinema na Baixa!”, iremos visitar algumas das casas de espetáculos e de cinema da baixa portuense, percorrendo o seu historial e conhecendo os seus conteúdos programáticos e aspetos arquitetónicos.

[MAPA INTERATIVO]

5.2. Teatro Sá da Bandeira

Teatro Sá da Bandeira,
Rua de Sá da Bandeira nº108, Porto
GPS 41.146805, -8.608901

(Fotografia da
fachada do Teatro
Sá da Bandeira)

Inaugurado em 1874, o Teatro Sá da Bandeira é a casa de espetáculos mais antiga do Porto. No entanto, as suas origens remontam a 1846, quando foi erguido no mesmo local o “Theatro Circo”, um barracão de madeira mandado construir pelo espanhol José Toudon Ferrer Catalan, um empresário dono de uma companhia equestre. A antiga estrutura tinha sido desenhada com o propósito de mostrar várias “habilidades circenses com cavalos”, mas em 1874, com a abertura da Rua Sá da Bandeira, o circo vai dar lugar a uma nova casa de espetáculos, denominada “Teatro-Circo Príncipe Real”, que em 1910, e após a implantação da República, torna-se o “Teatro Sá da Bandeira”, toponímia partilhada com a rua onde se situa a fachada principal do edifício.

Não obstante as artes cénicas terem ocupado um lugar de destaque no cartaz do Teatro Sá da Bandeira ao longo de mais de um século, esta casa guarda um significado especial na história da cinematografia portuguesa. Um facto que se deve essencialmente a dois fenómenos que ocorreram no ano de 1896 no então Teatro-Circo Príncipe Real.

O primeiro ocorre a 17 de julho de 1896, quando Edwin Rousby, um eletricitista húngaro, realiza aqui a primeira sessão de cinematógrafo no Porto. Entre os espectadores estava Aurélio da Paz dos Reis, fotógrafo e comerciante do Bonfim, que depois de assistir às sessões de Rousby, decidiu ir até Paris com o intuito de obter um aparelho semelhante. De volta a Portugal, Paz dos Reis filma uma série de fitas por Lisboa, Braga e pelo Porto. Estas fitas seriam exibidas a 12 de novembro de 1896 no Príncipe Real, durante a apresentação do “Kinetographo Portuguez” de Aurélio da Paz dos Reis. Esta seria a primeira apresentação de filmes portugueses no país.

Estes dois acontecimentos são algumas das razões que tornam o Teatro Sá da Bandeira num dos locais de maior significado cultural e histórico para a cidade do Porto. Essa importância ganhou ainda maior reconhecimento em 2020, quando o edifício recebeu a classificação de Imóvel de Interesse Público, atribuído pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC). Nesta classificação foi realçado o grande valor estético desta estrutura, assim como o forte papel cultural que a casa de espetáculos tem para a cidade. Os conteúdos programáticos de maior relevo na agenda cultural do Sá da Bandeira passam pelo teatro, concertos musicais e espetáculos de comédia.

Fotografia 360º da
Sala de
espetáculos do
Teatro Sá da
Bandeira, 2020

Cód.
QR



Aurélio da Paz dos Reis, 1899? (Fonte: Centro Português de Fotografia)

5.3. Fábrica Confiança (Extinta)

Fábrica Confiança (Extinta),
Rua de Santa Catarina nº181, Porto
GPS 41.147824, -8.606616

Fotografia da
fachada da Loja de
vestuário
Benetton, 2020

Na Rua de Santa Catarina, um dos arruamentos mais movimentados do Porto e a principal artéria de comércio da cidade, existe um edifício que pela simplicidade da sua arquitetura, quando a comparamos com outras construções que aqui se erguem, pode passar despercebida à maioria daqueles que habitualmente transitam por este local. No entanto, a sua fachada foi cenário de um filme simbólico para o cinema português, *Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança* (1896), do cineasta Aurélio da Paz dos Reis.

A número 181 da Rua Santa Catarina, onde agora funciona a loja de vestuário Benetton, é uma construção que remonta ao século XIX. O que era inicialmente uma modesta camisaria, tornar-se-ia alguns anos mais tarde na Fábrica Confiança - inaugurada em 1894. O empreendimento de António da Silva Cunha, um empresário natural de Amarante, pretendia fornecer o mercado de vestuário nacional. Aqui chegaram a trabalhar diariamente mais de 1000 operárias, dispendo de centenas máquinas de costura a motor elétrico, uma grande novidade na época.

No entanto, o que torna esta construção num espaço singular, deve-se a um acontecimento que ocorreu pouco tempo após a sua inauguração. Em 1896 Aurélio da Paz dos Reis (amigo de Silva Cunha) filmou neste local, aquele que é possivelmente o primeiro filme português - *Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança*. A curta metragem de apenas 55 segundos retrata uma cena do quotidiano português, onde um grupo de funcionários da Fábrica Confiança sai do seu local de trabalho à hora de almoço. Esta filmagem decalca uma cena semelhante captada pelos Irmãos Lumière um ano antes em *La sortie de l'usine Lumière à Lyon* (1895).



Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança, 1896 (Fonte: Cinemateca Portuguesa)

5.4. Flora Portuense (Extinta)

Flora Portuense (Extinta),
Praça da Liberdade nº57, Porto
GPS 41.146331, -8.611894

Fotografia da
Confeitaria
Ateneia, 2020

A restauração dirigida para o turismo é o negócio que predomina atualmente no lado poente da Praça da Liberdade, no entanto nem sempre foi assim. O que é atualmente a Confeitaria Ateneia, doçaria que ocupa desde 1937 o nº57 desta praça, foi em finais do século XIX uma loja de venda de flores, com o nome “Flora Portuense”. A extinta casa pertenceu a Aurélio da Paz dos Reis, que adquiriu a propriedade na então Praça D. Pedro para abrir em 1893 o seu negócio - como divisa escolheu “O Grão Fará Floresta”.

Além de fotógrafo e cineasta, Aurélio era também um comerciante. Na Flora Portuense vendia-se um pouquinho de tudo, sendo as sementes, os bolbos e os artigos de jardinagem os produtos de destaque. No entanto, a diversidade de artigos que era possível encontrar aqui refletiam a multiplicidade de interesses que Aurélio ia acumulando ao longo da vida. Para lá dos produtos hortícolas, este estabelecimento vendia ainda aparelhos fotográficos, fotografias estereoscópicas (algumas de autoria sua), café, vinho, fitas de seda de várias cores. Era ainda possível ler um romance estrangeiro ou uma revista de especialidade numa pequena sala que existia na loja.

A Flora Portuense realçava também a grande habilidade que Paz dos Reis tinha para a publicidade. Não só eram os produtos desta loja promovidos em diversos jornais locais, como ele criava igualmente os seus próprios catálogos onde descrevia boas práticas de jardinagem. Outro facto curioso era o certificado de garantia que complementava todos os artigos agrícolas aqui vendidos - passados por um agrónomo que atestava não existirem quaisquer indícios de pragas perigosas para o cultivo. Alguns desses artigos provinham, aliás, dos terrenos de Paz dos Reis, que além de ser comerciante de flores, era ele próprio floricultor e horticultor. E certamente que a garantia de qualidade das suas flores estava assegurada, pois foram diversos os prémios que os exemplares de Paz dos Reis acumularam nas múltiplas exposições em que participou.



Fachada da Flora Portuguesa, 1900? (Fonte: Centro Português de Fotografia)



Fotografia estereoscópica do interior da Flora Portuguesa, 1900? (Fonte: Centro Português de Fotografia)

5.5. Casa de Aurélio da Paz dos Reis

Casa de Aurélio da Paz dos Reis,
Rua do Barão de Nova Sintra, s/n, Porto
GPS 41.144822, -8.589667

Fotografia da
fachada da
casa de Aurélio
da Paz dos
Reis, 2020

Na freguesia do Bonfim, num local bem menos movimentado do que aqueles por onde Paz dos Reis desenvolvia os seus negócios, situa-se a casa onde o cineasta e a sua família moraram. Família formada pela sua mulher Dona Palmira, com quem casou a 12 de agosto de 1886, e seus quatro filhos: Homero, Horácio, Hugo e Hilda.

O antigo palacete tinha três andares, sótão, e no exterior existiam vários jardins, hortas e até uma grande trepadeira que cobria parte do edifício. Era em Nova Sintra que Paz dos Reis fazia as suas experiências de cultivo. Nos terrenos existiam várias estufas e campos de ensaio, de onde saíram várias plantas galardoadas, entre as quais uma dália que apelidou “Mimo de Nova Cintra” - uma planta que arrecadaria vários prémios durante uma exposição no Palácio de Cristal.

Mas não era somente a hortofloricultura que ocupava os tempos de Paz dos Reis neste lugar. A fotografia era um elemento sempre presente na sua vida, e era em sua casa que realizava algumas das suas práticas. Um dos seus hábitos passava por enviar postais fotográficos de Boas-Festas a amigos e clientes.



Fotografia de Hilda num postal de Boas-Festas, 1908 (Fonte: Centro Português de Fotografia)

Sobre a sua família, e num registo mais triste, Paz dos Reis perderia três dos seus quatro filhos no espaço de um ano. Em 1919, Hilda e Horácio morrem, vítimas da pneumónica, e Homero perde a vida em França, de púrpura infecciosa. Esta tragédia foi um golpe muito duro para Aurélio, no entanto continuou a fotografar e a tratar das suas flores até aos últimos anos da sua vida. Aurélio da Paz dos

Reis faleceu no dia 18 de setembro de 1931, com 69 anos, de congestão cerebral. Foi enterrado perto de sua casa no Cemitério do Prado do Repouso.



Aurélio da Paz dos Reis e sua família, 1908? (Fonte: Centro Português de Fotografia)

*Além de ter sido um dos grandes fotógrafos da sua época, Aurélio da Paz dos Reis tornou-se um dos mais importantes pioneiros do cinema português, e apesar de grande parte do seu catálogo fílmico ter desaparecido, os títulos *Feira de Gado na Corujeira*; *No Jardim*; *O Vira*; e *Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança*, permanecem conservados na Cinemateca Portuguesa, estando disponíveis para consulta no seu arquivo digital.*



Arquivo Digital da Cinemateca Portuguesa

5.6. Alfândega Nova

Alfândega Nova,
Rua Nova da Alfândega, Porto
GPS 41.143349, -8.621318

Fotografia da
Alfândega Nova,
2020

No ano de 2001, numa entrevista para o livro *O Porto na História do Cinema*, o realizador Manoel de Oliveira, respondendo a uma pergunta sobre o motivo de escolha da Ribeira do Porto como o cenário e tema do documentário *Douro, Faina Fluvial* (1931), dava-nos o seguinte retrato da frente ribeirinha do Porto em finais da década de 1920:

«(...) Fui visitar o rio e fiquei igualmente encantado com aquele mundo de trabalhos à base de escravos, de trabalho manual. Era uma época em que os trabalhos eram muito duros. As pessoas trabalhavam de sol a sol; vinham de longe, a pé e descalços, a maior parte, e só depois do sol desaparecer é que iam embora, para muito longe, ainda fazer o jantar, arranjar as coisas de casa. Mas havia alegria - uma alegria que hoje não há.» (*O Porto na História do Cinema*, 2001)

Um dos locais que Oliveira fazia aqui referência correspondia à Alfândega Nova, estrutura, que entre a segunda metade do século XIX e finais do século XX, albergou os serviços aduaneiros da cidade, e onde várias pessoas laboraram nas cargas e descargas de mercadorias - cenário retratado pelo realizador na sua primeira curta-metragem *Douro, Faina Fluvial*. Construída na frente de Miragaia, num antigo areal que aqui existia, o projeto do arquiteto francês Jean Colson implicou a edificação de uma grande plataforma artificial.



Excerto de *Douro, Faina Fluvial*, retratando algumas imagens da Alfândega Nova, 1931 (Fonte: ?)

A edificação da Alfândega, que teve início em 1859, foi tão impactante para esta zona que impulsionou uma enorme reforma urbanística em redor da construção. Para se articular com o exterior urbano seria aberta a Rua Nova da Alfândega, o que levou à demolição de várias casas e ruas antigas, e ainda da Porta Nobre, uma das entradas da Muralha Fernandina. Outra importante construção resultante desta evolução urbana seria a linha férrea que serviu de ligação entre a Alfândega Nova e a Estação de Campanhã. O ramal começou a ser construído em 1881 e tinha o propósito de ligar o comércio marítimo que chegava à Alfândega com a rede ferroviária nacional. Coube ao engenheiro Augusto César Teixeira projetar esta ligação, que tinha uma extensão de cerca de quatro quilómetros. O ramal da Alfândega seria inaugurado em 1888.

Depois de mais de um século de funcionamento os serviços aduaneiros iriam transferir-se, em 1987, para a zona periférica da cidade, mantendo-se assim uma maior proximidade com o Porto de Leixões e com o Aeroporto Sá Carneiro. O edifício da Alfândega perdia assim a sua utilidade e o ramal seria desativado pouco tempo depois.

Ainda em 1987, foi proposto que este imóvel viesse a acolher o futuro Museu dos Transportes e Comunicações. Para acomodar as novas valências, durante os anos 90 o edifício atravessaria um processo de requalificação, tendo a orientação do arquiteto Eduardo Souto Moura. Atualmente, para lá da sua vertente museológica, a Alfândega ainda serve de espaço para a organização de congressos, exposições e outros eventos.

5.7. Ribeira do Porto

Ribeira do Porto,

Cais da Ribeira, Porto

GPS 41.140534, -8.611912

Fotografia da
Ribeira do Porto,
2020

O frenesim cidadão captado por Manoel de Oliveira, entre as décadas de 1920 e 1930, não se circunscreveu apenas à Alfândega Nova. O documentário Douro, Faina Fluvial daria igual destaque à Ribeira do Porto, local que desde as suas origens foi um dos centros económicos e de comércio da cidade.

Porém, em finais do século XIX, algumas décadas antes das imagens captadas por Oliveira, a Ribeira começou a perder a relevância política, económica e social que manteve nos séculos anteriores, com as famílias de poder, empresas e bancos a deslocarem-se para as imediações, e para os centros emergentes da cidade (caso da Rua Nova da Alfândega e da Rua de Mouzinho da Silveira).

Ao mesmo tempo, este local sentia uma forte pressão demográfica devido à chegada das populações vindas do campo, uma consequência da forte industrialização que vinha acontecendo no Porto. Não obstante estas alterações demográficas, a Ribeira manter-se-ia um local virado para as águas do Douro, onde o comércio (em particular do peixe) marcava a imagem deste local.



Excerto de Douro, Faina Fluvial, retratando a Ribeira do Porto, 1931 (Fonte: ?)

A progressiva substituição de famílias da alta sociedade por grupos populacionais de classe social mais baixa levariam à degradação das condições de habitação nos bairros da Ribeira. Este processo de decadência seria ainda mais acentuado com a gradual desertificação da frente ribeirinha ao longo da segunda metade do século XX, provocado em parte pela perda de influência dos portos fluviais das duas margens do rio.

O declínio da Ribeira do Porto levaria à eventual criação do Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo, que a partir da década de 1970 procedeu a uma recuperação e reabilitação de toda a frente ribeirinha do Porto. Uma das ações mais importantes levadas a cabo por esta entidade foi a elaboração e apresentação da candidatura do Centro Histórico do Porto como Património Cultural da Humanidade, recebendo a classificação da UNESCO em 1996. Desde então este local tornou-se o cartão postal da cidade e vários negócios dependentes do turismo começaram a surgir, como hotéis, restaurantes e bares.

5.8. Cais de Gaia

Cais de Gaia

Avenida Diogo Leite, Vila Nova de Gaia

GPS 41.137967, -8.612239

Fotografia do Cais
de Gaia, 2020

Mais de dez anos após as filmagens de Douro, Faina Fluvial as margens do Douro voltariam a entrar em cena, e desta vez seriam o palco para as aventuras dos meninos de Aniki-Bóbó (1942) - a primeira longa-metragem de Manoel de Oliveira.

Apesar de várias cenas do filme terem sido produzidas em Lisboa, nos estúdios da Tobis Portuguesa, Oliveira iria utilizar uma vez mais as ruas da Ribeira para contar as suas histórias. Desta vez dava um salto até à margem de Gaia para filmar os momentos de brincadeiras das crianças nas águas do Douro e na pequenina praia já desaparecida.



Excerto de Aniki-Bóbó, retratando a frente ribeirinha de Gaia, 1942 (Fonte: ?)

O território que hoje compreende o Cais de Gaia e as caves do Vinho do Porto (que compõe o Centro Histórico de Gaia), foi desde as suas origens um lugar profundamente marcado pelo rio. Durante séculos, os barcos rabelos atracavam aqui com as barricas de vinho vindas do Alto Douro, sendo depois transportadas pelos carros de bois até às caves, onde eram armazenadas. O destino final - a exportação para o resto do país e do estrangeiro. Atualmente, os rabelos tornaram-se imagem de cartão postal, vários armazéns deixaram de guardar o vinho do Porto, e o areal desapareceu.

As transformações ocorridas neste lugar entre “os tempos de Aniki-Bóbó” e os atuais, prendem-se sobretudo com o abandono progressivo do centro histórico e com o crescimento abrupto do turismo verificado nos últimos anos.

No que concerne ao abandono, este deve-se em grande parte à extinção do “Entrepósito único e privativo do Vinho do Porto”, decretado em 1926, e que limitava a exportação do vinho do Porto às caves de Vila Nova de Gaia. Esta exclusividade desapareceria em 1986, quando passou a ser permitido, a exportação de vinho do Porto a partir da região do Douro. Desde então, as várias firmas, que outrora armazenaram o seu vinho nestas caves, deslocaram-se para locais mais próximos da zona de produção vinícola. Como consequência, o património material do Centro Histórico de Gaia entrou num processo de decadência. Várias construções de habitação e alguns armazéns do vinho chegaram a um estado ruína ou pré-ruína.

No entanto, desde o ano 2000, e com o crescimento turístico, uma parte significativa do edificado e do espaço urbano do centro histórico sofreu sucessivas requalificações. As primeiras obras começaram precisamente em 2000 nas Avenidas que compõem o Cais de Gaia (Avenida Diogo Leite e Avenida Ramos Pinto). A intervenção de larga escala foi projetada pelo arquiteto Tasso de Sousa, e viu a construção de vários bares e restaurantes ao longo da frente ribeirinha, no local onde existiu o areal que serviu de cenário para Aniki-Bóbbó. Novos negócios começaram a surgir, sendo que hoje as maiores tipologias são as do comércio, restauração e alojamento. Algumas das caves também se adaptaram à nova realidade, abrindo núcleos expositivos nos seus armazéns.

5.9. Fontainhas

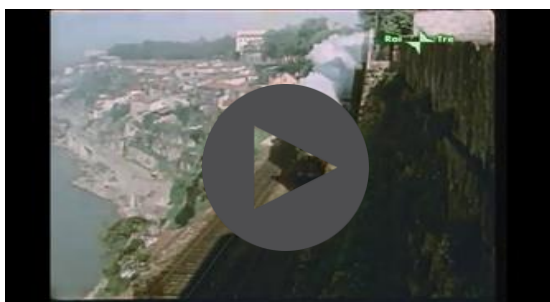
Fontainhas

Alameda das Fontainhas, Porto

GPS 41.142455, -8.599859

Fotografia das
Fontainhas, 2020

No ano de 1956, Manoel de Oliveira realizava uma nova curta-metragem - *O Pintor e a Cidade* (1956), um trabalho de experimentação da cor que documentava uma vez mais a cidade do Porto. Mas ao contrário dos trabalhos de 1931 e 1942, além do Douro e da zona ribeirinha, a cidade alta também seria destacada nesta obra, apresentando o seu lado mais moderno e cosmopolita - uma imagem bem patente na sua arquitetura, no trânsito automóvel e nos reclamos luminosos. No entanto o Douro seria uma vez mais figura de relevo nesta obra documental. Aliás, são o Douro e as Fontainhas que servem de cenário para as cenas iniciais desta fita.



Excerto de *O Pintor e a Cidade*, retratando as Fontainhas, 1956 (Fonte: ?)

As Fontainhas são hoje um lugar marcado pelas escarpas, pelas noites de São João e pela sua tranquilidade (periodicamente interrompida pela passagem de um comboio). Outra presença de destaque na paisagem, que o documentário não dispensa de ilustrar, é a Ponte de D. Maria Pia, uma construção que, à semelhança da sua congénere a oeste, tornou-se, nos finais do século XIX, símbolo do progresso tecnológico e do desenvolvimento económico, social e industrial que a cidade do Porto ia atravessando.

Projeto do francês Théophile Seyrig, sócio de Gustave Eiffel, a ponte Dona Maria seria inaugurada a 4 de novembro de 1877, permitindo a ligação ferroviária entre Vila Nova de Gaia e as linhas do Douro

e do Minho. Funcionou durante mais de 100 anos até ser substituída pela Ponte de São João em 1991. Atualmente encontra-se abandonada, apesar de existirem planos de requalificação para a estrutura, com vista à sua utilização como ciclovia.



Comboio na Ponte de D. Maria Pia, 198? (Fonte: Arquivo Municipal do Porto)

5.10. Cinema Batalha

Cinema Batalha,

Praça da Batalha nº47, Porto

GPS 41.145556, -8.607069



Cinema Batalha, 2006 (Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico)

Apesar da cidade do Porto se apresentar como um dos pioneiros no que respeita à exibição cinematográfica em Portugal, com destaque para as primeiras apresentações de filmes portugueses no país em 1896, no Teatro Príncipe Real, o público portuense teria de esperar uma década para assistir a sessões de cinema contínuas.

Em finais de 1906, nos terrenos da antiga Praça da Boavista, era erguido um barracão de madeira e de zinco com o nome “Salão High-Life”. Foi nesta modesta construção, de nome exótico, que durante dois meses, das duas da tarde até às onze da noite, foram apresentadas as primeiras sessões ininterruptas de filmes ao público do Porto. O empreendimento partiu da iniciativa do português Manuel da Silva Neves e do francês Edmond Pascaud, um exibidor ambulante que teria vindo recentemente para Portugal, transportando consigo um projetor e uma série de “quadros”, todos

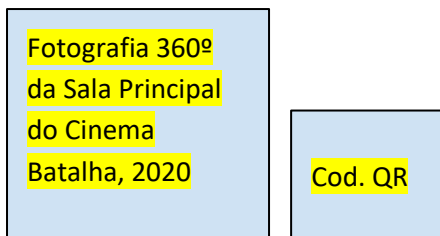
eles provenientes da maior produtora e distribuidora cinematográfica da época - a casa parisiense Pathé Frères. Ainda em 1906 o Salão High-Life iria transferir-se para o Largo da Cordoaria, local onde permaneceu por mais dois anos até se deslocar definitivamente para um pequeno terreno situado na Praça da Batalha - aqui seria inaugurado o “Novo Salão High-Life” (pouco tempo depois alteraria a sua designação para “Cinema Batalha”).

A construção atual data de 1944 e é um projeto do Arquiteto Artur Andrade. Constituído por quatro pisos, com direito a cave e terraço triangular, o Cinema Batalha tinha, à data da sua inauguração, uma sala composta por 950 lugares (346 na plateia, 222 na tribuna e 382 no balcão). No exterior impunha-se ainda a fachada envidraçada, com destaque para o baixo-relevo criado pelo escultor Américo Braga, que por força da censura praticada na altura, viu parte da sua obra ser apagada. Tratava-se das figuras representativas da “Agricultura” e “Indústria”, que empunhavam respetivamente uma foice e um martelo - elementos vistos como “subversivos” à época. Como consequência, o martelo seria retirado do operário mesmo antes da inauguração da sala, em 1947. O mesmo destino iriam sofrer as obras do pintor modernista Júlio Pomar, que compôs dois murais alusivos às festas de São João no interior do Batalha. Um ano após a inauguração, o então Presidente da Câmara do Porto, Dr. Luís Pina, ordenava que fossem ocultados, permanecendo assim durante várias décadas.

Não obstante as polémicas em torno da sua construção, os primeiros anos do Batalha seriam marcados pelos ciclos de cinema promovidos pelo recém-criado Cineclubes do Porto (1945). A certo ponto, estas mostras tornaram-se tão populares que o cineclubes se viu obrigado a desdobrar-se em múltiplas sessões no mesmo dia, ora no Cinema Batalha, ora no seu vizinho, o Cinema Águia D’Ouro. A popularidade do Cineclubes do Porto traduzia-se também no seu número de sócios, que na década de 1950 chegou a ser superior aos do Futebol Clube do Porto - cerca de 2500. Atualmente o Cineclubes do Porto mantém uma programação bissemanal na Sala Henrique Alves Costa, na Casa das Artes (Rua Ruben A 210).

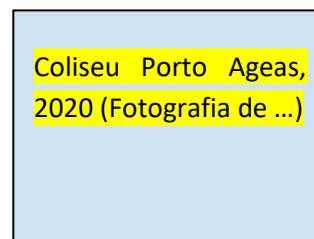
Já na década de 1970, dá-se início a um período negro para os cinemas do centro do Porto, que de forma gradual foram perdendo os seus espectadores. O Cinema Batalha não fugiria a esta tendência e entrava numa fase de declínio que se prolongaria por vários anos, acabando por fechar portas no verão de 2000. Após o encerramento foram vários os períodos de incerteza que esta sala histórica atravessou - chegou inclusive a um estado de pré-ruína. Seria necessário esperar até 2017 para voltar a ver um projeto consolidado para este imóvel, quando foi anunciado que o imóvel seria arrendado pela Câmara do Porto, que assumiu assim a gestão do cinema por um período de 25 anos. O objetivo do empreendimento, que ainda está em curso, passa pela recuperação e reativação do imóvel, permitindo assim o “desenvolvimento de um projeto ligado ao cinema, assente nos valores da memória, conhecimento e inovação”. As obras de reabilitação arrancaram em dezembro de 2019, estando previsto a sua conclusão para o ano de 2021.

Quanto à programação do futuro Batalha, a Câmara espera poder fazer a exibição de cinematografia nacional e internacional de arquivo, contando para isso com a colaboração da Cinemateca Portuguesa. É desejado também que este espaço possa receber alguns dos conteúdos programáticos dos festivais FantasPorto e Porto/Post/Doc, o que certamente deixará o público ansioso por ver esta casa finalmente renascer e se tornar num novo polo de divulgação e dinamização cultural da cidade.



5.11. Coliseu Porto – Ageas (Cinema Passos Manuel)

Coliseu Porto - Ageas (Cinema Passos Manuel),
Rua de Passos Manuel nº137, Porto
GPS 41.146902, -8.605639



«O Jardim Passos Manuel é um dos mais concorridos do Porto pela beleza das suas magníficas fitas cinematográficas de assuntos variadíssimos. (...) Vendem-se mais bilhetes para cada sessão do que os lugares que a casa comporta e, conseqüentemente, o público numeroso comprime-se sufocantemente, esmaga-se.» (Notícias do jornal O Comércio do Porto, 14 de junho de 1910)

Eram estas as palavras escolhidas pelo jornal O Comércio do Porto para descrever o Jardim Passos Manuel, que em princípios de 1900 ocupava o terreno onde hoje assenta o Coliseu do Porto. Inaugurado a 17 de março de 1908, o grande complexo de diversões serviu de ponto de encontro da sociedade portuense da época. A iniciativa partiu do empresário Luiz Alberto de Faria Guimarães, que por esta altura tinha também ligações com a gerência do Teatro Príncipe Real.

O Jardim Passos Manuel foi um amplo recinto concebido para acolher várias estruturas dedicadas à cultura e ao entretenimento, um lugar com características muito particulares na cidade do Porto, possuindo um cinematógrafo; um “Hall” ou “Salão de Inverno; “Salão de Festas”; restaurante com esplanada; palco coreto; uma escola de tiro; um palco de teatro no exterior; quiosques; e até uma central elétrica.



Jardim Passos Manuel, 1923-1924 (Fonte: Arquivo Municipal do Porto)

Durante os primeiros anos de funcionamento o Jardim Passos Manuel era um local muito frequentado pelas várias camadas da sociedade portuense. Porém, a partir dos anos 30, a atividade começou a diminuir gradualmente, resultando na eventual desativação deste histórico local. Um dos possíveis motivos foi a incapacidade do negócio em se modernizar, não conseguindo evoluir para lá do seu conceito original. Como consequência, o Jardim Passos Manuel seria demolido em 1938, e em seu lugar nascia o Coliseu do Porto, inaugurado a 19 de dezembro de 1941 - projeto do arquiteto Cassiano Branco.

Tal como o seu antecessor, o Coliseu é hoje uma das casas de espetáculo mais versáteis da cidade, acolhendo inúmeros eventos que vão da ópera ao bailado e dos grandes concertos ao circo. O Coliseu acolhe ainda a sala do Cinema Passos Manuel, nome que evoca o antigo recinto de diversões. “Este” Passos Manuel foi inaugurado em novembro de 1971, com o objetivo de apresentar filmes que se mantinham à parte dos grandes circuitos comerciais. Com uma lotação para cerca de 200 pessoas, o Cinema Passos Manuel mantém atualmente uma programação independente do Coliseu. Um dos eventos de destaque que acontecem neste espaço é o Porto/Post/Doc: Film & Media Festival, o festival de cinema documental que na última semana de novembro vai enchendo vários equipamentos culturais da Baixa do Porto, incluindo o Teatro Rivoli, o Cinema Trindade e o Maus Hábitos - Espaço de Intervenção Cultural.

Fotografia 360º da
Sala do Cinema
Passos Manuel,
2020

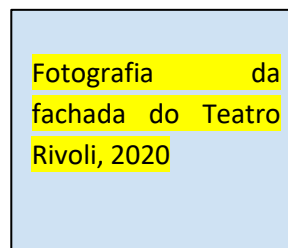
Cod. QR

5.12. Teatro Rivoli

Teatro Rivoli

Rua do Bonjardim n° 143, Porto

GPS 41.147757, -8.609533



O terreno onde hoje assenta o Teatro Municipal Rivoli e o edifício anexo da Caixa Geral de Depósitos, foi em inícios do século XX ocupado pelo “Teatro Nacional”, inaugurado a 5 de dezembro de 1913. Nos seus primeiros anos de funcionamento, e numa altura em que grande parte das casas de espetáculos do Porto aderiu à moda do cinema, o Teatro Nacional optou por manter a sua programação de teatro, de óperas e de bailado. No entanto, a partir de 1926 esta casa ia mesmo montar um ecrã para dar início às suas sessões filmicas. As mesmas não perdurariam porque, poucos anos depois, este espaço seria comprado pelo empresário Manuel Pires Fernandes, que de seguida ordenava a sua demolição para dar lugar a uma nova estrutura.

Sob o projeto do arquiteto Júlio Brito, as obras do novo teatro arrancaram no final da década de 1920, e a 20 de janeiro de 1932 o Teatro Rivoli era inaugurado. Para o espetáculo de abertura veio de Lisboa a companhia de teatro Rey Colaço-Robles Monteiro, para apresentar a comédia em três atos “Peraltas e Sécias”, do dramaturgo Marcelino Mesquita.

Mas apesar de ser o teatro a inaugurar o Rivoli, o cinema ia rapidamente ganhar lugar de destaque no cartaz da sala. Depois das sessões do verão de 1932, os espetáculos seriam suspensos para montar um sistema de projeção de filmes sonoros, e a partir de 1933 o cinema já compunha 90% da programação do Rivoli, sendo um verdadeiro sucesso com várias enchentes (neste período assiste-se a um cenário semelhante nas várias casas de espetáculos do Porto).

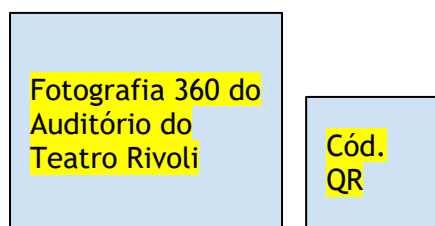
Já nas décadas de 40 e 50, Maria Fernandes Borges, filha de Manuel Pires Fernandes, assumiria os destinos desta casa. Graças à determinação da empresária, o Rivoli atravessaria o seu período áureo, com o cinema a ser um fator de grande atração de públicos. Fitas como Isabel de Inglaterra (1939), protagonizado por Bette Davis e Errol Flynn, ou Relíquia Macabra (1941), de John Huston, com Humphrey Bogart no papel principal, enchiam a sala do Rivoli múltiplas vezes.

Se os anos 40/50 foram os de ouro, os que aí vinham poderiam ser considerados o oposto. Na década de 1960 Maria Borges adoece e vai viver para Lisboa. Por essa altura era a distribuidora Castello Lopes que tinha a cargo a exploração do espaço. Durante a década de 70 o Rivoli entra numa fase de declínio, apresentando uma programação inconstante e de fraca qualidade. O público ia desaparecendo aos poucos, o equipamento tornava-se obsoleto e a situação financeira não era a melhor.

Já em finais da década de 80, a Câmara Municipal do Porto decidiu comprar o imóvel, que já apresentava várias carências estruturais, e em 1991 era aprovado um projeto de reconstrução do edifício traçado pelo arquiteto Pedro Ramalho, com um orçamento de um milhão e meio de contos. As intervenções realizadas neste período dotaram o Rivoli de infraestruturas modernas e de um maior conforto. Os camarotes, que até então existiam nas zonas laterais do auditório, seriam removidos, assim como centenas de lugares. Por sua vez, o teatro ganharia um pequeno auditório, uma sala de ensaios, um restaurante, uma cafetaria e um café-concerto.

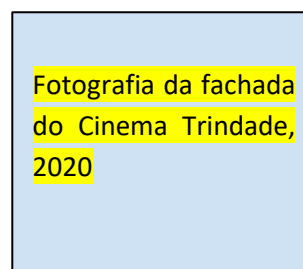
Após a inauguração em 1997, o Teatro Rivoli foi tendo os seus pontos altos e baixos, com destaque para o ano de 2001 como um dos melhores momentos desta instituição, acolhendo grande parte dos espetáculos do evento Porto, Capital Europeia da Cultura. Mas assim que este evento termina, o Rivoli volta a passar por dificuldades financeiras que resultariam numa dívida de 11 milhões de euros. A Câmara decide então arrendar o espaço e entregar a gestão a privados. Entre 2007 e 2011 o Rivoli seria gerido pela Politeama Produções, do encenador Filipe La Féria, que apresentava aqui as suas peças de revista, contra os protestos de várias figuras públicas e de cidadãos anónimos do Porto.

Nos últimos anos voltou a ter uma gestão pública, tendo vindo a fazer uma forte aposta na programação internacional de teatro e de dança. Quanto à sétima arte, o Rivoli acolhe atualmente dois dos maiores festivais de cinema do país: o Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto, que desde 1998 tem encontrado nesta casa um espaço para exhibir filmes de género; e o Porto/Post/Doc, que tem vindo a fazer a sua cerimónia de abertura no Rivoli, assim como outras sessões que incluem debates, festas, encontros e concertos.



5.13. Cinema Trindade

Cinema Trindade,
Rua do Almada n.º412, Porto
GPS 41.150500, -8.611982



Por volta da década de 1910, o terreno compreendido entre a Praça da Trindade, a Rua Dr. Ricardo Jorge e a Rua do Almada, era propriedade de Manuel da Silva Neves, empresário que possuía, à altura, o Cinema Batalha.

Apesar de não ser possível averiguar os motivos que levaram Manuel Neves e o seu sócio Edmond Pascaud a construir mais uma casa de espetáculos no centro do Porto, no ano de 1912 iniciava-se uma campanha de obras para construir um novo “Cinematógrafo”, que também funcionaria como “Jardim de Recreios”. A 14 de junho de 1913 era inaugurado o novo salão de espetáculos da firma Edmond & Pascaud, o “Cinematógrafo-Jardim Trindade” ou “Salão-Jardim da Trindade”, que na década de 1930 suspendia as suas sessões para a instalação de aparelhos de reprodução sonora.

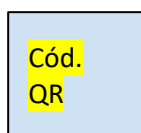
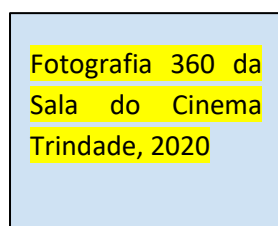
Nos anos 50, o Salão-Jardim Trindade, que já era conhecido como “Cinema Trindade”, ia novamente passar por um processo de remodelação. Isto depois de outros espaços culturais do Porto terem já atravessado o seu processo de modernização, servindo de exemplo a construção do Teatro Rivoli em 1932, do Coliseu do Porto em 1941, e do novo Cinema Batalha em 1947. Algumas das alterações mais

relevantes deste período passam pela eliminação do coreto que se situava no jardim do complexo, a reformulação da fachada do edifício virada para o jardim, e o alargamento da sala para acomodar orquestras e receber sessões de Cinemascópio.

Com a entrada das décadas de 70/80, a grande maioria das salas tradicionais de cinema da baixa portuense começavam a perder público. Tendo em conta as adversidades que se faziam sentir durante este período, e de forma a evitar o fecho de portas, o Trindade iria reorganizar uma vez mais o seu espaço. Sem afetar a estrutura exterior, os interiores vão ser completamente reformulados. Uma das maiores alterações foi a divisão da grande sala de cinema em múltiplos espaços. A sala tinha agora três pisos: o primeiro piso, relativo à plateia, seria subdividido em duas salas de menores dimensões (com lotação para cerca de 150 pessoas); e o segundo e terceiro pisos seriam ocupados por uma sala do bingo, explorada pelo Sport Comércio e Salgueiros, dando assim um maior aproveitamento ao imóvel.

Embora as alterações possam ter atenuado o grave impacto que se fazia sentir nas várias casas de espetáculo do Porto, estas não seriam suficientes para evitar o encerramento das duas salas em 2000. Porém, é razoável argumentar que terá sido graças à continuidade da atividade (em parte) do espaço, através da função de bingo, que o edifício não acabou em piores condições, podendo inclusive ter ditado o seu desaparecimento. Mesmo tendo as duas salas fechadas o edifício foi mantendo um funcionamento parcial, até que em 2016 era anunciada a retoma de atividade do cinema. O empreendimento partiu da distribuidora Nitrato Filmes, que arrendou o espaço à empresa proprietária do cinema - Empresa do Cinema Trindade, Lda.. Este anúncio surgiu pouco tempo depois do festival Desobedoc ter aberto as portas deste cinema durante alguns dias, em 2014 e 2015. O Desobedoc é uma iniciativa que pretende reabrir alguns dos equipamentos culturais abandonados do Porto, tendo como objetivo provar que existem públicos para um tipo de programação de cinema “não-comercial”.




Reaberto em 2017, o Cinema Trindade mantém atualmente uma programação apoiada na exibição de cinema independente, não descurando os filmes dos grandes estúdios. As duas salas apresentam uma arquitetura idêntica aos anos 80, com espaço para cerca de 150 pessoas cada.









Apêndices (VI) – catálogo de figuras e vídeos utilizados na “versão integral” de “O Porto na rota do cinema”

6.1. Figuras do percurso I – Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português

<i>Título do documento</i>	<i>Fonte</i>	<i>Referência da Imagem/ Acesso Online</i>	<i>Figura</i>
NOVA CINTRA - FAMÍLIA [: AURÉLIO DA PAZ DOS REIS]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/003651 https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64078	
PESTE [BUBÓNICA NO PORTO: ATUAÇÃO DA BRIGADA DE DESINFEÇÃO]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/002939 https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=63366	
COMÍCIO REPUBLICANO [NO PORTO: AFONSO COSTA DISCURSANDO]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/001907 https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=62334	
SPORTS: CAMPO DO BESSA [DO CENTRO HÍPICO DO PORTO:] ESGRIMA	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/000368 https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=60795	
NOVA CINTRA, FAMÍLIA [: PALMIRA DE SOUZA GUIMARÃES COM OS FILHOS HORÁCIO, HOMERO, HILDA E HUGO JARDIM DE CASA]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004418 https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64845	

<p>Porto : avenida central do Repouso tomado do lado sul</p> <p>Aspetto da avenida central do cemitério do Prado do Repouso, vendo-se pessoas a passar e os jazigos envolventes.</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 308539 Código parcial: F.P: CMP:10:42</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/308539/?q=cemit%C3%A9rio+prado+do+repouso</p>	
<p>Jornal O Comércio do Porto de 02 de outubro de 1858</p> <p>(Nota 1: Recorte da 1ª página de 2 de outubro de 1858; Secção "Retrospecto")</p> <p>(Nota 2: Imagem irá sofrer um corte)</p>	<p>Arquivo Municipal de Gaia</p>	<p>Identificador: 219655 Código parcial: JCP_02_10_1858</p> <p>https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/219655/?q=O+com%C3%A9rcio+do+porto+1858</p>	<p>Para que os «trocistas» e «bas-bieus» achem também alguma coisa do seu agrado na nossa sabbatina noticiosa de hoje, damos-lhes a noticia, de que o novo Theatro Circo da rua de Santo Antonio, no mesmo local onde existia o velho, está também quasi concluido — A rotunda da madeira foi substituida por um edificio de pedra, formando um polygono.</p> <p>Os amadores dos bailes mascaradas do Circo, podem ter a certeza, de que o Circo, em vez de cair para sempre, renasce, qual outro phenix, das suas ruinas cheio de forças e valentia, para resistir firme, ao correr de muitas gerações — E se as paredes fallassem, muito teriam que contar das gerações que vão passando áquellas que vem vindo, n'esse girar continuo dos tempos ! ..</p> <p>E aqui ficamos, que se nós acabou a reserva.</p>
<p>O jornal do Porto, Porto, 1859-1892</p> <p>(Nota 1: Recorte da 2ª página de 12 de março de 1874; Secção "Noticiário"; Título do artigo "Theatro do Principe Real")</p> <p>(Nota 2: Imagem irá sofrer um corte)</p>	<p>Biblioteca Nacional de Portugal</p>	<p>http://purl.pt/14338/1/j-822-g 1874-03-12/j-822-g 1874-03-12 item2/j-822-g 1874-03-12 PDF/j-822-g 1874-03-12 PDF 24-C-R0150/j-822-g 1874-03-12 0000 1-4 t24-C-R0150.pdf</p>	<p>Polka—Judith B. BIAGI.</p> <p>Theatro do Principe Real. E' hoje a inauguração do theatro do Principe Real (antigo Circo), com a companhia equestre de mr. Thomas Price, que dará trinta funcções, partindo em seguida para Hespanha, começando depois a funcionar a companhia dramatica, de faz parte a actriz Emilia das Neves, e de que é empresario o sr. Moutinho de Sousa.</p> <p>O theatro tem a seguinte lotação:—2 frisas á bocca de scena; 32 camarotes de primeira ordem, sendo 1 para a auctoridade e 5 para os proprietarios; 26 camarotes de segunda ordem: todos estes camarotes tem uma saleta. As plateias contam 650 logares, as galerias 700 e as varandas 120.</p> <p>O theatro está bem illuminado, e os corredores e o atrio são amplos.</p> <p>Tem cinco portas d'entrada, e um passadizo que da rua de Sancto Antonio dá para os camarotes.</p>
<p>A nova sala do Teatro Príncipe Real do Porto</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 299039 Código parcial: F.NV:FG.M:11:187</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/299039/?q=Teatro+Pr%C3%ADncipe+Real</p>	
<p>Carta do Porto por Ernesto Maia</p> <p>(Nota 1: Imagem irá sofrer um corte)</p>	<p>Hemeroteca Municipal de Lisboa</p>	<p>Ano 15, N.º 347, 31 de Maio de 1913 > Carta do Porto, por Ernesto Maia > 0117</p> <p>http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArteMusical/1913/N347/N347 item1/P5.html</p>	 <p>do certas peças um pouco dextrais no carácter proprio de obras praticadas. O publico é caprichoso. Habitua-se a correr para aquelles theatros e quer sejam as peças excellentes ou detestaveis, irrepresentavelmente desempenhadas ou do mais mediocre relevo scenico — as cachettes tem-se contido pelas representações. As casas ostentam verdadeiras com unidos dias de antecedença e os poucos bilhetes que se possam encontrar na mão dos contractantes pagam-se com agio exorbitante. Raras vezes a companhia terá obtido aqui o lucrativo exito em quasi um mez de espectáculo e muito folgamos com isso; mas essa serie inintermittente de cachettes tem naturalmente occasionado um grande deslucro por tudo o mais que em arte aqui se tem realisado a este mez. O Porto é uma</p>


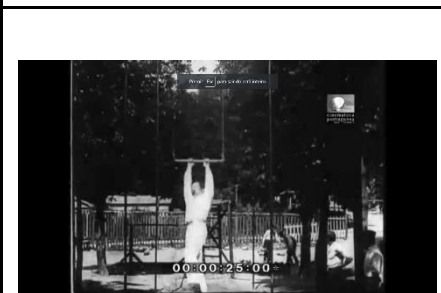
<p>Microsoft Word - Kinetographe1.doc</p>	<p>Cinemateca Portuguesa</p>	<p>(?)</p> <p>http://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Documents/Microsoft-Word---Kinetographe1.pdf</p>	
<p>TÍTULO: KINETOGRAPHO PORTUGUEZ : PHOTOGRAPHIA ANIMADA APRESENTADA POR AURÉLIO DA PAZ DOS REIS</p>	<p>Cinemateca Portuguesa</p>	<p>http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=31043&type=Imagem</p>	
<p>Fábrica Confiança : [fachada principal]</p> <p>Três vistas da fachada principal da Camisaria Confiança, na Rua de Santa Catarina</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 615373 Código parcial: F.NV:FG:11:300.350.351</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/615373/?q=camisaria+confian%C3%A7a</p>	
<p>BODAS DE PRATA DA CAMISARIA CONFIANÇA, 1908 [: INTERIOR DA LOJA]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004939</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65366</p>	
<p>BODAS DE PRATA DA CAMISARIA CONFIANÇA, 1908 [: INTERIOR DA FÁBRICA]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004941</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65368</p>	


<p>[PORTO: FLORA PORTUENSE NA PRAÇA D. PEDRO]</p> <p>(Nota 1: Imagem irá sofrer um corte)</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004312</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64739</p>	
<p>AURÉLIO DA PAZ DOS REIS [NO INTERIOR DA LOJA “FLORA PORTUENSE”]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/001689</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=62116</p>	
<p>[EXPOSITOR DE DÁLIAS CACTUS DA FLORA PORTUENSE]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/008789</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=69655</p>	
<p>EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTHEMOS NO PALÁCIO [DE CRISTAL]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/001105</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=61532</p>	
<p>NOVA CINTRA [: FACHADA DA CASA DE AURÉLIO DA PAZ DOS REIS, NO NR. 185, COM OS FILHOS NA JANELA E NA RUA]</p>	<p>Centro Português de Fotografia</p>	<p>Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004742</p> <p>https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65169</p>	

NOVA CINTRA - FAMÍLIA [: AURÉLIO DA PAZ DOS REIS NO JARDIM]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/003650 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64077	
[NOVA CINTRA: ZECAS "BRINCANDO" NO JARDIM]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/003603 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64030	
NOVA CINTRA [: AURÉLIO DA PAZ DOS REIS NAS ESTUFAS]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004908 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65335	
[HILDA DA PAZ DOS REIS BRINDANDO AO NOVO ANO]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/008459 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=69325	
NOVA CINTRA [: AURÉLIO DA PAZ DOS REIS DANDO AULA AOS FILHOS]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004920 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65347	
[NOVA CINTRA: HILDA PAZ DOS REIS OBSERVANDO OS PAIS A JOGAR XADREZ]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004944 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=65371	


NOVA CINTRA [: FILHOS DE AURÉLIO DA PAZ DOS REIS MASCARADOS NO JARDIM]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/003348 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=63775	
NOVA CINTRA, FAMÍLIA [: PALMIRA E AURÉLIO PAZ DOS REIS COM OS FILHOS HUGO, HOMERO, HILDA E HORÁCIO NO JARDIM DE CASA]	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/004419 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=64846	
AURÉLIO [DA PAZ DOS REIS] COM BARBA, OUTUBRO DE 1927	Centro Português de Fotografia	Código de Referência: PT/CPF/APR/001-001/002233 https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=62660	

6.2. Vídeos do percurso I – Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português


Título	Fonte	Referência do Vídeo/ Acesso Online	Descrição de cena/ Duração do clipe	Fotograma
Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança	Cinemateca	(?) http://www.cinematteca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=905&type=Video	Saída dos operários da fábrica Confiança, enquanto na rua passam charretes. Duração: 55 seg. 00:00:00 - 00:00:55	
No Jardim	Cinemateca	(?) http://www.cinematteca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7947&type=Video	Acrobacias de um trapezista num jardim. Duração: 32 seg. 00:00:00 - 00:00:32	





À Porta da História Aurélio Paz dos Reis ep. 8 (20 Dez. 2015)	RTP Play	https://www.rtp.pt/play/p2097/e218175/a-porta-da-historia	Documentário Sobre Aurélio da Paz dos Reis Duração: 25 min. e 44 seg. 00:00:00 - 00:25:44	
--	----------	---	---	---




6.3. Fotogramas do percurso I – Aurélio da Paz dos Reis, o primeiro cineasta português

Título do documento	Fonte	Referência do Vídeo/ Acesso Online	Descrição do Fotograma	Fotograma
SAÍDA DO PESSOAL OPERÁRIO DA FÁBRICA CONFIANÇA	Cinemateca Portuguesa	(?) http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=905&type=Video	Fotograma de Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança, 1896 00:00:07	

6.4. Figuras do percurso II – O Douro de Manoel de Oliveira


Título do documento	Fonte	Referência da Imagem/ Acesso Online	Figura
A Alfândega do Porto e o despacho aduaneiro : operação de bombagem quando se iniciava a construção da Alfândega Nova A Alfândega do Porto e o Despacho Aduaneiro. Exposição organizada pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto, Casa do Infante, em 1990. Obras de construção da Nova Alfândega do Porto.	Arquivo Municipal do Porto	Identificador: 343888 Código parcial: F.P:CMP:11:53.1 http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/343888/?q=Alf%C3%A2ndega+nova	





<p><i>A Alfândega do Porto e o despacho aduaneiro : Porto : Rio Douro e Alfândega</i></p> <p><i>A Alfândega do Porto e o Despacho Aduaneiro. Exposição organizada pelo Arquivo Histórico Municipal do Porto, Casa do Infante, em 1990. Vista panorâmica da cidade do Porto, destacando-se o movimento de embarcações junto ao cais da Nova Alfândega. Reprodução de um postal de inícios do século XX.</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p><i>Identificador: 343557</i> <i>Código parcial: F.P:CMP:9:207.6</i></p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/343557/?q=Alf%C3%A2ndega+nova</p>	
<p><i>RIBEIRA DO PORTO, DESCARGA DO SAL</i></p>	<p><i>Centro Português de Fotografia</i></p>	<p><i>Código de Referência: PT/CPF/JGGJ/002/001014</i></p> <p>https://diqitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=1210894</p>	
<p><i>Costume : um carro de bois</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p><i>Identificador: 49508</i> <i>Código parcial: D.PST:1550</i></p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49508/?q=ponte+lu%C3%ADs+l</p>	
<p><i>1.º Centenário da Ponte Luís I : anteprojecto de ponte levadiça para passagem de navios, por Eiffel & Cie</i></p> <p><i>Reprodução de anteprojecto de ponte levadiça para passagem de navios, da autoria de Eiffel & Compagnie, de 1879,</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p><i>Identificador: 51820</i> <i>Código parcial: D.ALB:GRA:24.4</i></p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/51820/?q=ponte+lu%C3%ADs+l</p>	



<p>publicado em opúsculo, em Clichy.</p>			
<p>Construção da ponte Luís I Pormenor das obras de construção da ponte Luís I, vendo-se ainda a ponte Pensil.</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 404029 Código parcial: F.NV:1-EB:12:4</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/404029/?q=Ponte+P%C3%AAsil</p>	
<p>Porto : posto fiscal da Ponte Luís I</p> <p>Três perspetivas do posto fiscal da Câmara Municipal do Porto à Ponte Luís I.</p> <p>(nota 1: selecionar 3ª imagem do conjunto "Porto : posto fiscal da Ponte Luís I")</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 264810 Código parcial: F.NP:2.GBB:1:56.16:18</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/264810/?q=ponte+lu%C3%ADs+l</p>	
<p>Porto : carregando vinho do Porto</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 48674 Código parcial: D.PST:1094</p> <p>http://qisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/48674/?q=ponte+lu%C3%ADs+l</p>	

<p>Porto : Ponte Dom Luís I</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 47242 Código parcial: D.PST:746</p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/47242/?q=ponte+lu%C3%ADs+I</p>	
<p>Construção da Ponte de Dona Maria</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 49780 Código parcial: D.PST:1686</p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49780/?q=Ponte+Maria+Pia</p>	
<p>Fases de construção da ponte de São João e vistas panorâmicas das pontes sobre o rio Douro no Porto : comboio na ponte Maria Pia Vista da ponte Maria Pia, destacando-se um comboio de carga.</p>	<p>Arquivo Municipal do Porto</p>	<p>Identificador: 255857 Código parcial: F.C:HP:12:1(24)</p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/255857/?q=Ponte+Maria+Pia</p>	


6.5. Vídeos do percurso II – O Douro de Manoel de Oliveira






Título do documento	Fonte	Referência do Vídeo/ Acesso Online	Descrição de cena/Duração do clipe	Fotograma
<p>Douro, Faina Fluvial</p>	<p>Youtube</p>	<p>(?)</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=5AydVnMFosE</p>	<p>Transporte de carvão na Alfândega Nova</p> <p>Duração: 1 min. e 57 seg.</p> <p>00:14:00 - 00:15:57</p>	

<p>Douro, Faina Fluvial</p>	<p>Youtube</p>	<p>(?) https://www.youtube.com/watch?v=5AydVnMFosE</p>	<p>Vários planos de barcos atracados, de peixes e de carga e descarga de outras mercadorias; cenas de entrada e saída de barcos. Cenas de venda de peixe.</p> <p>Duração: 1 min. e 18.</p> <p>00:04:00 - 00:05:18</p>	
<p>Douro, Faina Fluvial</p>	<p>Youtube</p>	<p>(?) https://www.youtube.com/watch?v=5AydVnMFosE</p>	<p>Cena composta por vários planos da Ponte Luís I</p> <p>Duração: 2min. e 5 seg.</p> <p>00:01:54 - 00:03.59</p>	
<p>Aniki-Bóóbó</p>	<p>Youtube</p>	<p>(?) https://www.youtube.com/watch?v=IhJw8fMKLE0&t=2729s</p>	<p>Rapazes nadam no rio Douro junto ao areal do cais de Gaia; Carlitos e Eduardo entram num conflito levando à intervenção de um polícia.</p> <p>Duração: 3 min. e 4 seg.</p> <p>00:12:53 - 00:15:57</p>	
<p>O Pintor e a Cidade</p>	<p>Youtube</p>	<p>(?) https://www.youtube.com/watch?v=AqGnKFEpY4q&t=174s</p>	<p>Comboio passa pelas Fontainhas; comboio atravessa a Ponte de D. Maria Pia; rabelos navegam no Rio Douro.</p> <p>Duração: 2 min. e 16 seg.</p> <p>00:02:09 - 00:04:15</p>	






Aniki-Bóbó	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=IhJw8fMKLE0&t=2729s	As crianças são perseguidas pelo dono da Loja das Tentações; o professor pergunta pelos alunos que não compareceram às aulas; crianças entoam a rima “Aniki-Bóbó”; Carlitos e Eduardo entram de novo em conflito; Eduardo cai à linha de comboio; Eduardo é levado pelo dono da Loja das Tentações para o hospital. Duração 4min. e 40seg. 00:45:07 - 00:49:47	
Casa do Cinema Manoel de Oliveira - Serralves	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=cEfifiSP4kE	Apresentação da Casa do Cinema Manoel de Oliveira Duração 3 min. 57 seg. 00:00:00 - 00:03:57	




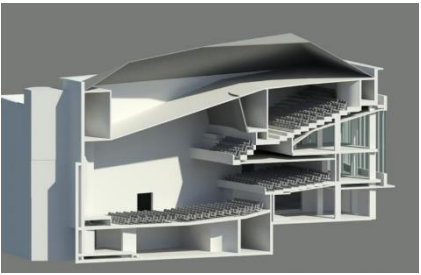


6.6. Fotogramas do percurso II – O Douro de Manoel de Oliveira

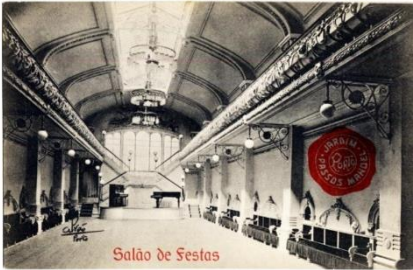
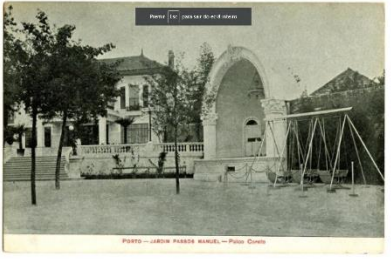


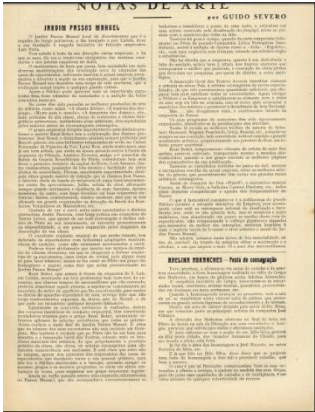
Título do documento	Fonte	Referência do Vídeo/ Acesso Online	Descrição do Fotograma	Fotograma
ESCALADA À TORRE DOS CLÉRIGOS	Cinemateca Portuguesa	(?) http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=3070&type=Video	Fotograma Escalada à Torre dos Clérigos, retratando a escalada de dois acrobatas espanhóis à Torre dos Clérigos, 1917 00:07:45	

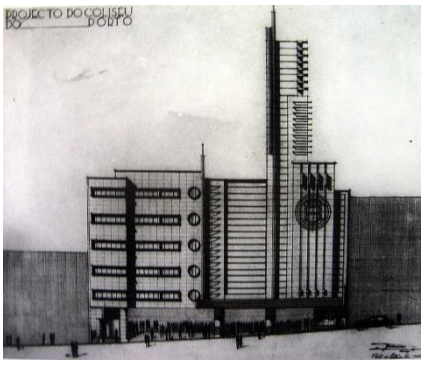
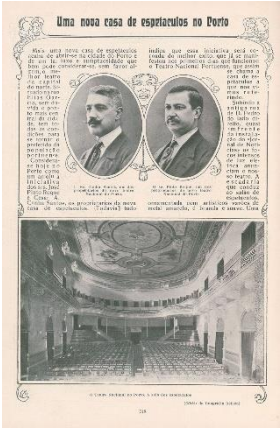



AS FESTAS DO DUPLO CENTENÁRIO	Cinemateca Portuguesa	(?) http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=1333&type=Video	Fotograma de As Festas do Duplo Centenário, retratando a reconstituição de um auto medieval na Sé do Porto, 1940 00:13:08	
O Leão da Estrela 1947	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=ThxFFOw8moc	Fotograma de O Leão da Estrela, ilustrando o tabuleiro superior da Ponte Luís I, 1947 00:38:45	
A Costureirinha da Sé	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=5MMlf7du1fq&t=2176s	Fotograma de A Costureirinha da Sé, filmado nos Jardins do Palácio de Cristal, com Pavilhão dos Desportos em plano de fundo, 1958 00:36:10	
O pintor e a cidade M. de Oliveira	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=AqGnKFEpY4q&t=130s	Fotograma de O Pintor e a Cidade filmado na Rua de Mouzinho da Silveira, 1956 00:05:14	
O pintor e a cidade M. de Oliveira	Youtube	(?) https://www.youtube.com/watch?v=AqGnKFEpY4q&t=130s	Fotograma de O Pintor e a Cidade retratando os reclamos luminosos na baixa portuense, 1956 00.26.48	


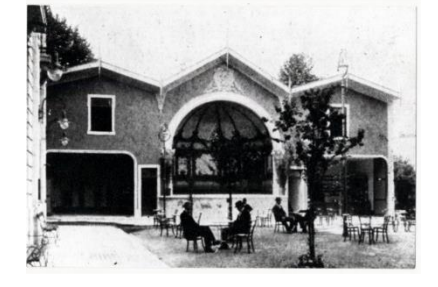

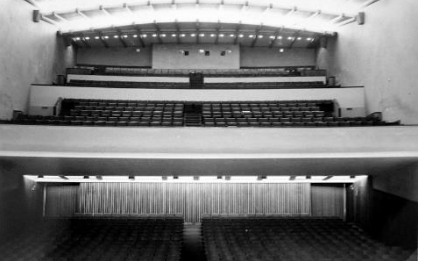

6.7. Figuras do percurso III – Há salas de cinema na Baixa

Título do documento	Fonte	Referência da Figura/ Acesso Online	Figura
<i>Cinema Ideal</i>	Arquivo Municipal de Lisboa	Cota(s): N76457-B VAQ000330 http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=337453&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1	
<i>Cinema Batalha, Vista geral</i> Sónia Pinto Basto 2006	Sistema de Informação para o Património Arquitetónico	SIPA FOTO: 00791164 http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10734	
PORTO [MATERIAL GRÁFICO] : PRAÇA DA BATALHA	Biblioteca Municipal do Porto	Cota: Plp 23 http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/Plp/Plp%20023/Plp%20023.htm	
Licença de obra n.º: 868/1907 (nota 1: selecionar a 1ª figura do conjunto)	Arquivo Municipal do Porto	Identificador: 75064 Código parcial: 868.1907 http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/75064/?q=sal%C3%A3o+high-life	
<i>Primitivo Cinema Batalha (Porto): frontaria</i>	Base Iconográfica de Teatro em Portugal	Identificador OPSIS: 05TEA00506 http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=cinema%20batalha&pageIndex=4	


<p><i>Cinema Batalha, Cine Batalha 1990</i></p>	<p><i>Sistema de Informação para o Património Arquitetónico</i></p>	<p>SIPA FOTO 00540207</p> <p>http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10734</p>	
<p><i>Cinema Batalha</i></p>	<p><i>Desobedoc</i></p>	<p>(?)</p> <p>https://desobedoc.wordpress.com/cinema-batalha/</p>	
<p><i>Cinema Batalha (Porto): fresco</i></p>	<p><i>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</i></p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00674</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=cinema%20batalha&pageIndex=6</p>	
<p><i>Cinema Batalha pronto em 2019, sem sala bebé mas com uma nova sala-estúdio</i></p> <p><i>Desenho do interior do novo cinema Batalha, já com a sala estúdio "encaixada" no 2º Balcão. IMAGEM: CM PORTO</i></p>	<p><i>JornalismoPortoNet</i></p>	<p>https://jpn.up.pt/2017/07/07/cinema-batalha-pronto-2019-sem-sala-bebe-nova-sala-estudio/</p>	
<p><i>Carnaval de 1905 : edifício do Clube Fenianos e Teatro Águia d' Ouro</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p>Identificador: 47450 Código parcial: D.PST:471</p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/47450/?q=%C3%81quia+D+Ouro</p>	
<p><i>Jardim Passos Manuel : salão de festas</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p>Identificador 51240 Código parcial D.PST:2076</p>	

		http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/51240/?q=Jardim+Passos+Manuel	
Porto : Jardim Passos Manuel : palco coreto (nota 1: Esta foto irá sofrer um corte)	Arquivo Municipal do Porto	Identificador: 47510 Código parcial: D.PST:507 http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/47510/?q=sal%C3%A3o+jardim+passos+manuel	
Salão Jardim Passos Manuel (Porto): palco exterior Entidade detentora: Centro Português de Fotografia Cota:	Base Iconográfica de Teatro em Portugal	Identificador OPSIS: 05TEA00271 http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index	
Jornal O Comércio do Porto de 27 de novembro de 1919	Arquivo Municipal de Gaia	Identificador: 241994 Código parcial: JCP_27_11_1919 https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/241994/?	
A Voz do Comércio, 15 de agosto de 1930 Notas de Arte, Jardim Passos Manuel	Hemeroteca Municipal de Lisboa	http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AVozdoComercio/1930/N40/N40_master/AVozdoComercioN40_15Ago1930.PDF	

<p>Descrição: Coliseu do Porto: projecto</p>	<p>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00551</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Coliseu%20do%20Porto&pageIndex=7</p>	
<p>Ilustração Portuguesa</p> <p>2.ª série, n.º 409, 22 de Dezembro de 1913</p> <p>(nota 1: esta imagem irá sofrer um corte)</p>	<p>Hemeroteca Digital</p>	<p>CDU: 0/9(051)</p> <p>http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1913/N409/N409_item1/P31.html</p>	
<p>Teatro Rivoli (Porto): frontaria</p>	<p>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00572</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Rivoli&pageIndex=3</p>	
<p>Teatro Rivoli (Porto): friso decorativo</p>	<p>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00252</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Rivoli&pageIndex=4</p>	
<p>Teatro Rivoli (Porto): sala de espectáculos</p>	<p>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00169</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Rivoli&pageIndex=1</p>	

<p><i>Teatro Municipal Rivoli: remodelação</i></p>	<p><i>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</i></p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00023</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Rivoli&pageIndex=3</p>	
<p><i>Salão Jardim da Trindade : 1913</i></p>	<p><i>Arquivo Municipal do Porto</i></p>	<p>Identificador: 49730 Código parcial: D.PST:1661</p> <p>http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49730/?q=Sal%C3%A3o+Jardim+Trindade</p>	
<p><i>Cinema Trindade: obras de remodelação</i></p>	<p><i>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</i></p>	<p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Cinema%20Trindade&pageIndex=1</p> <p>Identificador OPSIS: 05TEA00620</p>	
<p><i>Cinema Trindade: sala de espectáculos</i></p>	<p><i>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</i></p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00638</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Cinema%20Trindade&pageIndex=6</p>	
<p><i>Cinema Trindade: espectáculo musical</i></p>	<p><i>Base Iconográfica de Teatro em Portugal</i></p>	<p>Identificador OPSIS: 05TEA00640</p> <p>http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=Cinema%20Trindade&pageIndex=2</p>	

6.8. Fotogramas do percurso III – Há salas de cinema na Baixa

Título	Fonte	Referência de Vídeo/ Acesso Online	Descrição de cena/Duração do clipe	Fotograma
O DEBUTE DE UM PATINADOR	Cinemateca Portuguesa	(?) http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7618&type=Video	Fotograma de O Debut de um Patinador, retratando uma cena de patinagem, filmada no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel, 1914 00:01:25	

Apêndices (VII) – mapa interativo de “O Porto na rota do cinema”

Mapa e textos desenvolvidos na ferramenta Google Maps, entregue ao gabinete editorial da DRCN no dia 01 de julho de 2020 (até à data de 31 de agosto de 2020 ainda não tinha sido aprovado para publicação). No contexto da “versão a publicar”, o mapa interativo seguiria o texto de introdução (ver apêndices [V], p.248).

[INTRODUÇÃO]



Textos do mapa interativo:

Teatro Sá da Bandeira - Além de ser uma das casas de espetáculos mais conhecidas do país, o Teatro Sá da Bandeira é também a casa mais antiga do Porto, tendo sido inaugurada em 1874. E apesar das artes cénicas ocuparem um lugar de destaque no cartaz do Teatro Sá da Bandeira, este local guarda um simbolismo especial na história da cinematografia portuguesa. A 17 de julho de 1896, Edwin Rousby, um eletricitista húngaro, realiza neste teatro a primeira sessão de cinematógrafo no Porto. Entre os espectadores estava Aurélio da Paz dos Reis, fotógrafo e comerciante do Bonfim, que depois de assistir às sessões de Rousby decide ir até Paris para obter um aparelho semelhante. De volta a Portugal, Paz dos Reis filma uma série de fitas pelo país, que seriam exibidas a 12 de novembro de 1896 no Sá da Bandeira (neste período tinha a designação de “Teatro-Circo Príncipe Real”). Esta seria a primeira exibição de filmes portugueses no país.

Fábrica Confiança - Na Rua de Santa Catarina, no local onde funciona atualmente a loja de vestuário Benetton, era em finais do século XIX a Fábrica e Camisaria Confiança, propriedade de António da Silva Cunha, amigo de Aurélio da Paz dos Reis. A fachada desta loja entrou para a história do cinema português quando serviu de cenário para aquele que é possivelmente o primeiro filme português. “Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança” é um filme de apenas 55 segundos, captado em 1896,

e que retrata um grupo de funcionários da fábrica Confiança a sair do seu local de trabalho. Esta fita decalca a cena de "La Sortie de l'usine Lumière à Lyon" (1895), o primeiro filme dos Irmãos Lumière. "Saída do pessoal operário da Fábrica Confiança" estrearia a 12 de novembro de 1896, no Teatro-Circo Príncipe Real (atualmente Teatro Sá da Bandeira).

Flora Portuense - A restauração dirigida para o turismo é o negócio que predomina atualmente no lado poente da Praça da Liberdade. No entanto, o lugar que hoje é ocupado pela Confeitaria Ateneia foi, em finais do século XIX, uma loja de venda de flores com o nome de "Flora Portuense". A extinta casa pertenceu a Aurélio da Paz dos Reis, que além de fotógrafo e cineasta, era também comerciante, floricultor e horticultor. Neste estabelecimento vendia-se um pouquinho de tudo, sendo as sementes, os bolbos e os artigos de jardinagem os produtos de destaque. No entanto, a diversidade de artigos que era possível encontrar aqui refletiam a multiplicidade de interesses que Aurélio ia acumulando ao longo da vida. Para lá dos produtos hortícolas, era possível encontrar aqui aparelhos fotográficos; fotografias estereoscópicas (algumas de sua autoria); café; e vinho. Era ainda possível ler um romance estrangeiro ou uma revista de especialidade, numa pequena sala que existia na loja.

Casa de Aurélio da Paz dos Reis - Na freguesia do Bonfim, num local bem menos movimentado do que aqueles por onde Paz dos Reis desenvolvia os seus negócios, situava-se a casa onde o cineasta e a sua família moraram. Família formada pela sua mulher Dona Palmira e seus quatro filhos: Homero, Horácio, Hugo e Hilda. Além do cinema, Paz dos Reis era floricultor, e era em Nova Sintra que desenvolvia as suas experiências de cultivo. Nos terrenos existiam várias estufas e campos de ensaio de onde saíam várias plantas galardoadas, entre as quais uma dália que apelidou "Mimo de Nova Cintra". Mas não era somente a floricultura que ocupava os seus tempos neste lugar. Paz dos Reis realizava aqui também as suas práticas fotográficas. Um dos seus hábitos passava por enviar postais fotográficos de Boas-Festas a amigos e clientes. Esta figura do Porto, além de ter sido um dos grandes fotógrafos da sua época, tornou-se um dos pioneiros do cinema português, e apesar de grande parte do seu catálogo fílmico ter desaparecido, alguns dos seus títulos ainda se encontram disponíveis para consulta no arquivo digital da Cinemateca Portuguesa.

Alfândega Nova - Entre 1929 e 1931 o realizador Manoel de Oliveira filmava na frente ribeirinha do Porto o documentário "Douro, Faina Fluvial". Um dos locais retratados nesta curta-metragem seria a Alfândega Nova, estrutura que entre a segunda metade do século XIX e finais do século XX albergou os serviços aduaneiros da cidade, e onde várias pessoas laboraram nas cargas e descargas de mercadorias. Construída na frente de Miragaia, num antigo areal que aqui existia, o projeto do arquiteto francês Jean Colson implicou a edificação de uma grande plataforma artificial. Depois de mais de um século de funcionamento, em 1987 os serviços aduaneiros transferiram-se para a zona periférica da cidade, mantendo assim uma maior proximidade com o Porto de Leixões e com o Aeroporto Sá Carneiro. Ainda em 1987, foi proposto que o edifício da Alfândega viesse a acolher o futuro Museu dos Transportes e Comunicações, função que mantém atualmente.

Ribeira do Porto - O frenesim citadino captado por Manoel de Oliveira, entre as décadas de 1920 e 1930, no documentário "Douro, Faina Fluvial" daria especial atenção à Ribeira do Porto, local que desde as suas origens, foi um dos mais importantes centros económicos e de comércio da cidade.

Porém, em finais do século XIX, a Ribeira começou a perder a relevância política, económica e social que manteve nos séculos anteriores, levando à progressiva degradação do edificado da zona. Este cenário resultaria na criação do “Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo”, que a partir da década de 1970 procedeu a uma recuperação e reabilitação de toda a frente ribeirinha do Porto. Uma das ações mais importantes levadas a cabo por esta entidade foi a elaboração e apresentação da candidatura do Centro Histórico do Porto como Património Cultural da Humanidade, recebendo a classificação da UNESCO em 1996. Desde então, este local tornou-se o cartão postal da cidade, e vários negócios dependentes do turismo começaram a aparecer, como hotéis, restaurantes e bares.

Cais de Gaia - *Em 1942 as margens do Douro seriam o palco para as aventuras dos meninos de “Aniki-Bóbó”, a primeira longa-metragem de Manoel de Oliveira. Na margem de Gaia o realizador filmaria algumas cenas das crianças a brincar nas águas do Douro e numa pequenina praia que aqui existia - muito mudou desde então. Devido ao crescimento turístico dos últimos anos, uma parte significativa do edificado e do espaço urbano do centro histórico sofreu sucessivas transformações. As primeiras obras ocorreram em 2000 nas Avenidas que compõem o Cais de Gaia (Avenida Diogo Leite e Avenida Ramos Pinto), num projeto do arquiteto Tasso de Sousa, que levou à construção de vários bares e restaurantes ao longo da frente ribeirinha, no local onde existiu o areal que serviu de cenário para Aniki-Bóbó. Novos negócios começaram a surgir, sendo que hoje as maiores tipologias são as do comércio, restauração e alojamento. Algumas das caves também se adaptaram à nova realidade, abrindo núcleos expositivos nos seus armazéns.*

Fontainhas - *Em 1956 Manoel de Oliveira realizava “O Pintor e a Cidade”, um trabalho de experimentação da cor, que documentava a cidade do Porto. À semelhança de “Douro, Faina Fluvial” e “Aniki-Bóbó”, o rio seria novamente uma figura de relevo nesta obra. Oliveira filmaria o Douro e as Fontainhas nas cenas iniciais desta fita. As Fontainhas são um lugar marcado pelas escarpas, pelas noites de São João e pela sua tranquilidade (periodicamente interrompida pela passagem de um comboio). Outra presença destacada da paisagem, que o documentário não dispensa de ilustrar, é a Ponte de D. Maria Pia, um projeto do francês Théophile Seyrig, sócio de Gustave Eiffel. Inaugurada a 4 de novembro de 1877, esta ponte permitiu a ligação ferroviária entre Vila Nova de Gaia e as linhas do Douro e do Minho. Funcionou durante mais de 100 anos até ser substituída pela Ponte de São João em 1991. Atualmente encontra-se abandonada apesar de existirem planos para a requalificação da estrutura, tendo em vista a sua utilização como ciclovía.*

Cinema Batalha - *Apesar da cidade do Porto se apresentar como uma das pioneiras no que respeita à exibição cinematográfica em Portugal, com destaque para as primeiras apresentações de filmes portugueses no país no ano de 1896, no Teatro Príncipe Real (atualmente Teatro Sá da Bandeira), o público portuense teria de esperar uma década para assistir a sessões de cinema contínuas. Em finais de 1906, nos terrenos da antiga Praça da Boavista, era erguido um barracão de madeira e de zinco com o nome “Salão High-Life”. Foi nesta modesta construção, de nome exótico, que durante dois meses, das duas da tarde até às onze da noite, foram apresentadas as primeiras sessões ininterruptas de filmes ao público do Porto. Este barracão estaria na origem do que é hoje o Cinema Batalha. A estrutura atual seria inaugurada em 1944 mas, após um período de decadência, encerraria portas em*

2000. Após vários períodos de incerteza, em 2017 foi anunciado o arrendamento do imóvel por parte da Câmara do Porto, que assumiu a gestão do cinema por um período de 25 anos. As obras de reabilitação arrancaram em dezembro de 2019, estando prevista a sua conclusão em 2021.

Coliseu do Porto (Cinema Passos Manuel) - Antes de haver um Coliseu do Porto existia, neste mesmo local, o Jardim Passos Manuel, um amplo recinto inaugurado em 1908, concebido para acolher várias estruturas dedicadas à cultura e ao entretenimento. Este era um espaço com características muito particulares na cidade do Porto, possuindo um cinematógrafo; um “Salão de Inverno; “Salão de Festas”; restaurante com esplanada; palco coreto; uma escola de tiro; um palco de teatro no exterior; quiosques; e até uma central elétrica. O Jardim Passos Manuel seria demolido em 1938, e em seu lugar nascia o Coliseu do Porto, inaugurado a 19 de dezembro de 1941 - um projeto do arquiteto Cassiano Branco. Tal como o seu antecessor, o Coliseu é hoje uma das casas de espetáculos mais versáteis da cidade, acolhendo inúmeros eventos que vão da ópera ao bailado e dos grandes concertos ao circo. O Coliseu acolhe ainda a sala do Cinema Passos Manuel, inaugurada em novembro de 1971, com o objetivo de apresentar filmes que se mantinham à parte dos grandes circuitos comerciais. Com uma lotação para cerca de 200 pessoas, o Cinema Passos Manuel mantém atualmente uma programação independente do Coliseu.

Teatro Municipal Rivoli - Sob o projeto do arquiteto Júlio Brito, as obras do Teatro Rivoli arrancaram no final da década de 1920. Inaugurado a 20 de janeiro de 1932, para o espetáculo de abertura a companhia de teatro Rey Colaço-Robles Monteiro apresentou a comédia “Peraltas e Sécias”, do dramaturgo Marcelino Mesquita. Mas apesar de ser o teatro a inaugurar o Rivoli, o cinema ia rapidamente ganhar lugar de destaque no cartaz da sala. Depois das sessões do verão de 1932 os espetáculos seriam suspensos para montar um sistema de projeção de filmes sonoros. Já nas décadas de 1940 e 1950, o Rivoli atravessaria o seu período áureo, com o cinema a ser um fator de grande atração de públicos. Nos anos 70 o Rivoli entra numa fase de declínio, apresentando uma programação inconstante e de fraca qualidade e, em finais da década de 80, a Câmara Municipal do Porto decide comprar o imóvel. Atualmente o Rivoli tem vindo a fazer uma forte aposta na programação internacional de teatro e de dança, acolhendo ainda dois dos maiores festivais de cinema do país: o Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto; e o Porto/Post/Doc.

Cinema Trindade – No ano de 1912 Manuel da Silva Neves, fundador do Cinema Batalha, mandava construir um novo cinematógrafo no centro do Porto. Inaugurado a 14 de junho de 1913, o “Salão-Jardim da Trindade”, iria sofrer nos anos 50 algumas remodelações que levariam ao alargamento da sala, com o objetivo de receber sessões de Cinemascópio. Com a entrada das décadas de 1970/80, a grande maioria das salas tradicionais de cinema da baixa portuense começaram a perder público. De modo a evitar o fecho de portas, o Trindade iria reorganizar uma vez mais o seu espaço. Uma das maiores alterações foi a divisão da grande sala de cinema em três pisos: o primeiro seria subdividido em duas salas de menores dimensões; e o segundo e terceiro pisos seriam ocupados por uma sala do bingo. Embora as alterações possam ter atenuado o grave impacto que se fazia sentir nas várias casas de espetáculo do Porto, estas não seriam suficientes para evitar o encerramento das duas salas, em 2000. Em 2017 o Cinema Trindade reabriu portas, mantendo atualmente uma programação apoiada na exibição de cinema independente, não descurando os filmes dos grandes estúdios.

MM

MESTRADO EM PATRIMÓNIO, ARTES E TURISMO CULTURAL

Setembro 2020